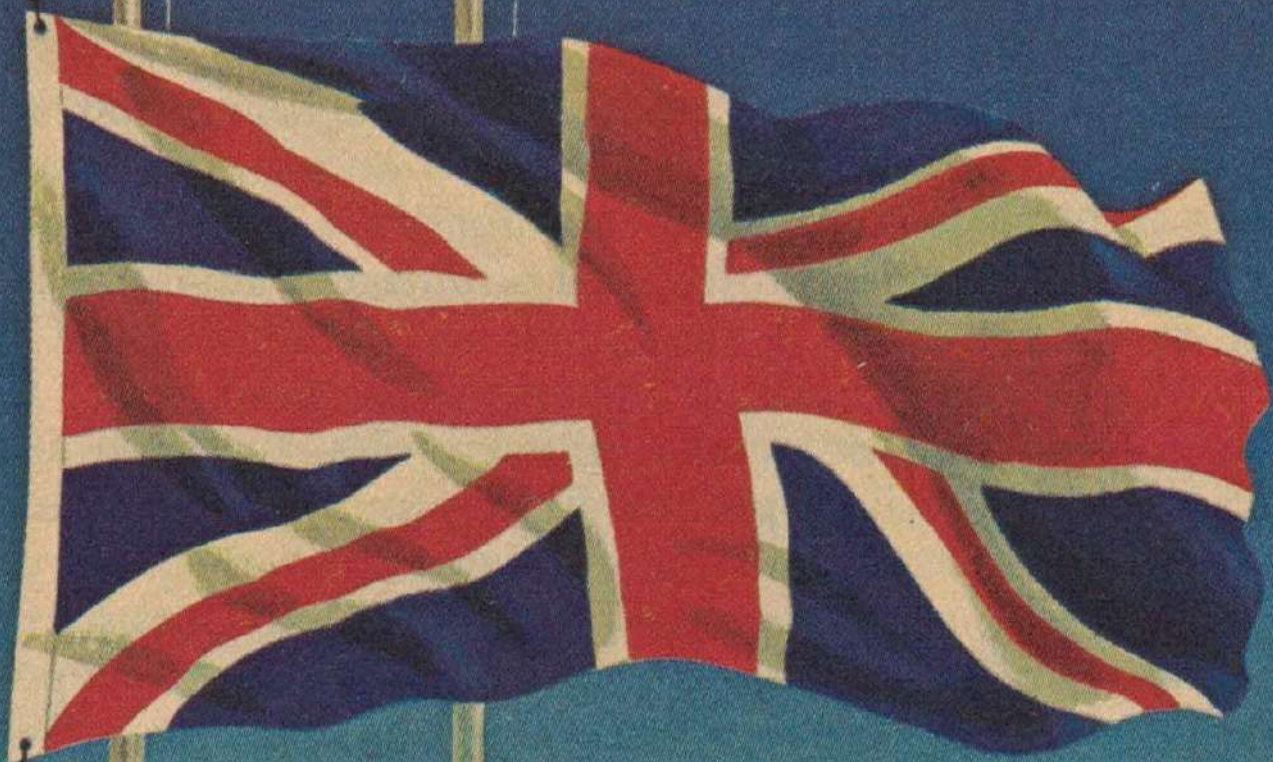
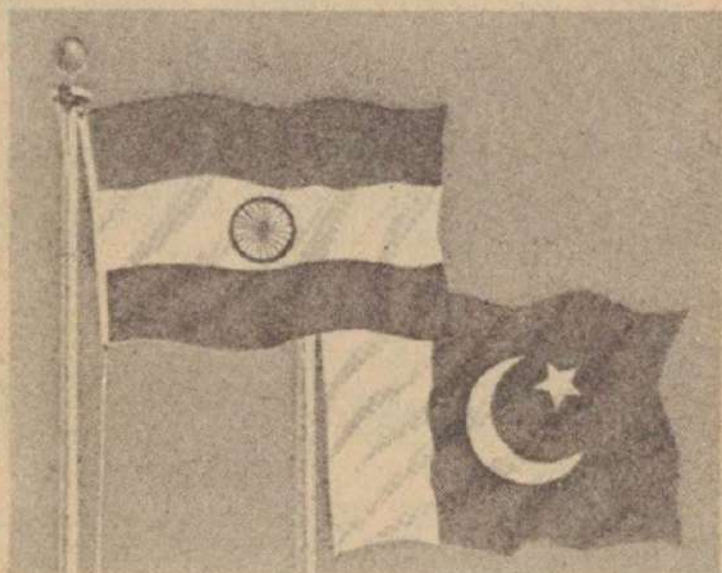


SEÇÃO DE LIVROS - 1ª PARTE



ESTA NOITE A LIBERDADE

Condensado do livro de
LARRY COLLINS E DOMINIQUE LAPIERRE



Esta noite a liberdade

A coroa imperial estava prestes a perder sua mais brilhante gema. Após três séculos e meio de soberania britânica, a Índia ia em breve obter a liberdade, mas nas mais trágicas circunstâncias, com vastas populações antagônicas à beira da guerra civil. A tarefa ingrata de separar a Grã-Bretanha da Índia recaiu, com todo o seu peso, sobre um brilhante e aristocrático chefe militar inglês, Louis Mountbatten, e sobre um líder político hindu, impregnado de misticismo, Mohandas Karamchand Gandhi. Nas páginas que se seguem, primeiras de uma condensação em duas partes, os autores de *Paris está em chamas?* reconstituem uma época que passou à lenda – época que, na sua agonia, viu aqueles dois homens aplainando divergências e procurando salvar de uma guerra fratricida um subcontinente.

LARRY COLLINS E DOMINIQUE LAPIERRE

PESAVA sobre Londres um ar de melancolia parecido com um denso nevoeiro. Raramente, ou talvez nunca, tinha a capital da Grã-Bretanha entrado no Ano Novo com tempo tão gé-

lido e triste. As ruas estavam quase desertas. Os transeuntes, apressados pelas calçadas, vestiam velhos uniformes esfiapados ou roupas muito gastas, aproveitadas ao longo de oito anos de remen-

CONDENSADO DO LIVRO «FREEDOM AT MIDNIGHT», COPYRIGHT © 1975 DE LARRY COLLINS E DOMINIQUE LAPIERRE. PUBLICADO EM PORTUGAL SOB O TÍTULO «ESTA NOITE, A LIBERDADE» PELA ÁTICA S. A. R. L., LISBOA

dos e uso. Um odor ativo, muito especial, o odor de Londres do após-guerra, cobria a cidade. Era o cheiro das ruínas carbonizadas, flutuando como bruma de outono, vindo de milhares de prédios bombardeados.

Havia apenas 17 meses que os britânicos tinham saído vitoriosos do mais terrível conflito que o gênero humano conhecera. Os feitos deste povo, sua coragem na adversidade, tinham inspirado uma admiração como o mundo jamais havia testemunhado em época nenhuma. O esforço da vitória, no entanto, tinha deixado quase alquebrada a indomável Grã-Bretanha. A indústria inglesa estava desmantelada, o erário público à beira da bancarrota. Por toda parte fechavam fundições e fábricas. O desemprego atingia milhares de ingleses. A palavra que se lia com mais freqüência nas vitrinas de Londres era «não». «Não há batatas», «não há carvão», «não há cigarros», «não há carne».

Essa união, verdadeiramente extraordinária, de territórios, protetorados, colônias e domínios, que era o Império Britânico, permanecia em grande parte intata nesse dia de Ano Novo em 1947, mas ela também estava prestes a desagregar-se. Passara a era do imperialismo, e foi por essa inevitabilidade histórica que um Austin preto deslizava quase furtivamente nessa manhã pelas ruas desertas.

Passado o Palácio de Buckingham e ao virar para o Mall, seu

único passageiro contemplava com tristeza a avenida imperial perpassando diante de seus olhos. Quantas vezes, pensava ele, tinha a Grã-Bretanha celebrado nessa avenida os triunfos do império.

Com 46 anos de idade, o Contra-almirante Louis Francis Albert Victor Nicholas Mountbatten, Visconde da Birmânia, era um homem magro, alto, com mais de 1,80 m. Seus traços, surpreendentemente regulares, compunham uma fisionomia modelar, e a vasta cabeleira, fazendo realçar seus olhos escuros, dava-lhe aspecto de ser cinco anos mais novo.

Acabada a guerra, durante a qual fora Supremo Comandante Aliado no Sudeste Asiático, Mountbatten tinha visitado com freqüência o n.º 10 da Downing Street* como consultor de assuntos relacionados com os países asiáticos que haviam estado sob seu comando. No decorrer da última visita, no entanto, as perguntas do Primeiro-ministro Clement Attlee tinham incidido sobre a Índia, nação que não fizera parte de seu teatro de operações. O jovem almirante tivera subitamente «uma sensação muito estranha, muito incômoda». Seu pressentimento era justificado. Attlee tencionava nomeá-lo vice-rei da Índia.

Era este o posto mais importante do Império, um posto no qual uma longa série de ingleses

* Residência oficial do Primeiro-Ministro Britânico (Nota do Editor).

tinham mantido domínio sobre os destinos de uma sexta parte da humanidade. A diferença, porém, era que a tarefa de Mountbatten não consistiria em governar a Índia a partir desse posto. Sua missão seria uma das mais dolorosas que se poderiam pedir a um inglês: abandonar a Índia.

Mountbatten partilhava inteiramente a idéia de que chegara o momento em que a Grã-Bretanha tinha de sair da Índia, mas seu coração revoltava-se ante o pensamento de que seria ele o chamado para cortar os velhos laços que uniam a Inglaterra e o baluarte de seu império. Para dissuadir Attlee, apresentara uma série de pretensões, de maior ou menor importância, desde o número de secretários que lhe seriam atribuídos, até a marca do avião que devia ser colocado à sua disposição. Além disso, havia imposto uma condição sem precedentes: plenos poderes para levar a bom termo a política que lhe fosse confiada. Para seu espanto, Attlee concordou com tudo. Agora, ao entrar na sala do conselho, o almirante ainda esperava resistir de algum modo aos esforços de Attlee para lhe impor a nomeação para a Índia.

A situação, começou por explicar o primeiro-ministro, estava se deteriorando de dia para dia. Era imperioso que se tomasse uma decisão urgente. Por um desses impressionantes paradoxos da história, no momento crítico em que a Grã-Bretanha estava finalmente

disposta a dar independência à Índia, esta não conseguia encontrar maneira de obtê-la. A hora que deveria ser a mais bela para a Grã-Bretanha, na Índia parecia prestes a tornar-se um pesadelo de horror sem igual. A Grã-Bretanha tinha conquistado e dominado a Índia com pouco derramamento de sangue, relativamente aos padrões coloniais. Sua retirada, no entanto, ameaçava produzir uma explosão de violência que ultrapassaria em grandeza tudo quanto ali se havia passado durante três séculos e meio.

A raiz do problema da Índia mergulhava no tradicional antagonismo entre 280 milhões de hindus e 105 milhões de muçulmanos. Mantido pela tradição, pela rivalidade das religiões, pelas diferenças econômicas, esse conflito atingira um ponto crítico. Os dirigentes dos muçulmanos da Índia pediam agora que a Grã-Bretanha destruísse a unidade que a tanto custo havia criado, para lhes dar um estado islâmico próprio. Se lhes fosse negado esse estado, preveniam eles, isso iria conduzir à guerra civil mais sangrenta da história da Ásia.

Do outro lado, determinados a resistir a essas pretensões, estavam os dirigentes do Partido do Congresso, que representavam a maioria dos hindus da Índia. Para eles, a divisão do subcontinente seria uma mutilação de sua pátria histórica, um ato de natureza quase sacrílega.

A Grã-Bretanha estava presa entre estas duas pretensões, aparentemente irreconciliáveis. Muitas vezes tinham falhado os esforços ingleses para solucionar o problema. Agora, dizia Attlee a Mountbatten, a Grã-Bretanha e a Índia estavam caminhando em direção a um desastre, de grandes proporções. Não se podia deixar que a situação se mantivesse. Todas as manhãs chegava ao Departamento da Índia grande quantidade de telegramas anunciando um novo incidente de selvajaria indiscriminada num novo recanto do subcontinente. Attlee declarava que era dever solene de Mountbatten aceitar o posto que lhe tinha sido oferecido.

Uma hora mais tarde, de ombros curvados, Mountbatten deixou a porta da Downing Street. Quando entrava em seu Austin, ocorreu-lhe um estranho pensamento. Fazia nesse dia exatamente 70 anos que, quase à mesma hora, sua própria bisavó tinha sido proclamada Imperatriz da Índia, numa planície perto de Delhi.

Os príncipes da Índia, reunidos para a cerimônia, haviam pedido aos céus nesse dia que «o poder e a soberania» da Rainha Vitória pudessem «permanecer inalteráveis para sempre». Agora, naquela manhã cinzenta do Ano Novo, um de seus bisnetos estava iniciando o processo que iria fixar a

data em que «aquele para sempre» deixaria finalmente de existir.

Aptos como ninguém para governar

CINCO miseráveis xelins haviam posto a Grã-Bretanha na rota para a grande aventura colonial a que Louis Mountbatten tinha sido incumbido de encerrar. Representavam eles o aumento de preço de uma libra de pimenta, impostos pelos corsários holandeses que controlavam o comércio das especiarias. Irritados, 24 mercadores da City,* reuniram-se na tarde de 24 de setembro de 1599 num prédio velhíssimo, na Leadenhall Street, a três quilômetros da residência onde Mountbatten e Attlee se haveriam de encontrar mais tarde. O objetivo que os mercadores tinham em vista era fundar uma modesta firma comercial, com um capital inicial de 72 mil libras, movidos simplesmente pela mais comum das preocupações: o lucro. Denominada Companhia das Índias Orientais, a empresa expandiu-se, transformando-se por fim na mais grandiosa criação da era do imperialismo: a soberania britânica na Índia.

O sucesso da companhia foi rápido e impressionante. Em breve, vários navios estavam descarregando anualmente montes de especiarias, goma, açúcar, seda crua e musselina de algodão nas docas do Tâmesa, e partindo com os porões repletos de produtos ma-

* O centro financeiro de Londres (Nota do Editor).

nufaturados ingleses. Inevitavelmente, à medida que suas atividades comerciais cresciam, os funcionários da florescente companhia imiscuíam-se na política local; eram forçados a intervir nas querelas dos pequenos soberanos em cujo território trabalhavam, a fim de protegerem seu comércio em expansão. Tinha-se iniciado o processo irreversível que levaria a Grã-Bretanha a conquistar a Índia quase sem querer.

Após selvagem motim do exército em 1857, foi dada por finda a existência da Companhia das Índias Orientais, e a responsabilidade pelos destinos de 300 milhões de indianos passou para as mãos de uma mulher de 39 anos, a Rainha Vitória. Assim se iniciava o zênite da era vitoriana, o período que o mundo iria associar freqüentemente à experiência britânica na Índia. Sua filosofia dominante era uma concepção, tantas vezes enunciada pelo poeta laureado Rudyard Kipling, segundo a qual os ingleses brancos eram aptos como ninguém para governar «raças inferiores sem lei».

A Índia desses ingleses era a Índia dos oficiais *gentlemen* que usavam capacetes de penachos e cavalgavam à frente de seus soldados de turbante; dos suntuosos bailes em Simla, a capital de verão no Himalaia; dos jogos de *cricket* nos gramados muito bem cuidados do Clube de Bengala, em Calcutá; dos jogos de pólo nas planícies banhadas de sol de Rajputana; das

caçadas de tigre no Assam; dos jovens sentando-se para jantar de *black-tie* numa tenda no meio da selva e brindando solenemente com vinho do Porto ao rei-imperador, enquanto os chacais uivavam à volta, na escuridão; dos funcionários com túnicas escarlates escalando os desfiladeiros rochosos do Passo de Khyber, perseguindo rebeldes das tribos patãs no meio da neve ou sob calor insuportável na Fronteira Noroeste; de uma casta inteiramente segura de sua própria superioridade, bebendo champanhe ou uísque na varanda de seus clubes só para europeus.

Esses homens eram geralmente filhos de famílias de impecáveis tradições mas de fortuna menos sólida; descendentes de honestos pastores anglicanos de província; talentosos segundos filhos da aristocracia da terra, condenados a ficar sem herança por causa do direito de primogenitura; filhos de mestres-escolas, de professores de humanidades e de pequenos aristocratas. Dominavam, nos campos de jogo e nas salas de aula de Eton, Harrow, Rugby, Winchester, Charterhouse, Haileybury, as matérias que os tornariam aptos a governar o império. «A Índia», observava James Mill, historiador do século XIX, «era uma ampla válvula de escape para as classes dominantes da Grã-Bretanha.»

O grande passatempo dos ingleses na Índia era o esporte. Todas as cidades importantes tinham seu

grupo de caçadores, seus cães importados da Inglaterra. O pólo, jogo popular entre a aristocracia indiana, foi avidamente adotado pelos ingleses, tornando-se uma instituição. No entanto, ao mesmo tempo que os ingleses jogavam na Índia, morriam também ali em grande número, com frequência jovens, e muitas vezes em trágicas circunstâncias. Cada igreja de acantonamento tinha seu cemitério adjacente, para onde a pequena comunidade levava regularmente seus mortos, vítimas do impiedoso clima da Índia, de seus perigos, de suas epidemias de malária, cólera e febres da selva.

Seu governo era paternalista, semelhante à autoridade dos antigos mestres-escolas disciplinando um bando turbulento de garotos e impondo-lhes uma educação que tinham a certeza de ser a melhor para eles. Salvo uma ou outra exceção, os funcionários eram competentes e incorruptíveis, bem determinados a administrar a Índia segundo os melhores interesses do próprio país, mas eram sempre eles quem decidia quais eram esses interesses.

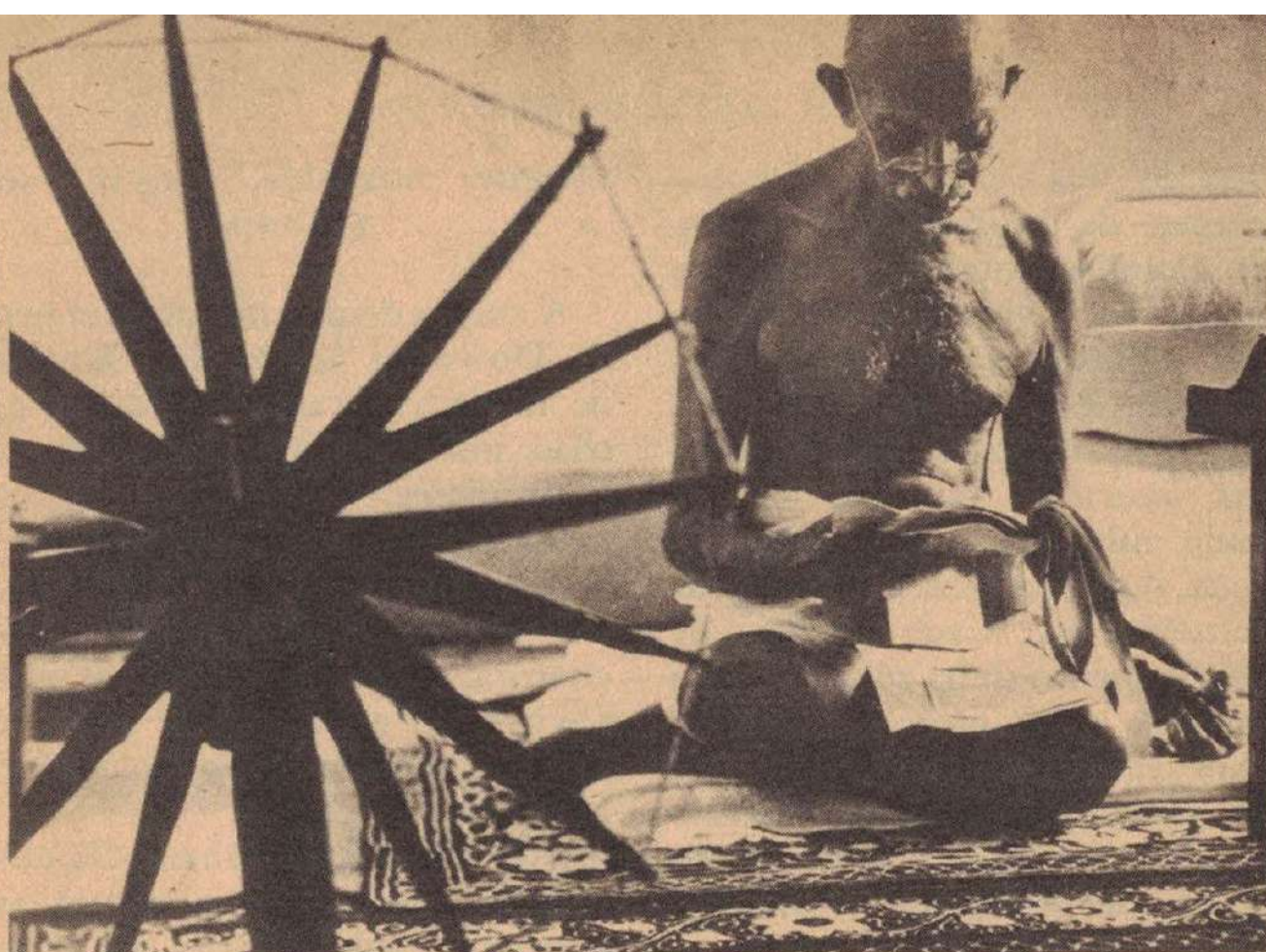
Agora, no dia de Ano Novo, em 1947, apenas restavam na Índia cerca de 1.200 funcionários ingleses do Serviço Público Indiano, embora mantendo, de uma maneira ou de outra, 410 milhões de pessoas em seu âmbito administrativo. Eram os derradeiros porta-bandeiras de uma elite que tinha sobrevivido à sua própria época.

«Segue sozinho, segue sozinho!»

A CERCA de dez mil quilômetros da Downing Street, um homem de idade avançada estendia-se no chão imundo de uma cabana de camponeses, colocando uma camada de lama sobre o abdome e depois outra sobre a cabeça calva. Ali, no chão, parecia uma pobre criatura, bem frágil; no entanto, havia feito mais do que qualquer outro homem para derrubar o Império Britânico.

Mohandas Karamchand Gandhi, embora não tivesse o menor aspecto de revolucionário, era o profeta pacífico de um dos mais extraordinários movimentos de libertação do mundo. A seu lado, cuidadosamente polida, estavam a dentadura que usava apenas quando comia e os óculos com aros de metal através dos quais costumava espiar o mundo. Era pequeno, com apenas 1,50 m de altura, e pesava cerca de 52 quilos. A natureza fora ingrata para com ele: as orelhas pendiam, o nariz lançava a ponta por cima de um ralo bigode, os lábios caíam sobre as gengivas desdentadas. No entanto, seu rosto irradiava uma beleza peculiar. Estava constantemente animado, refletindo a mudança de seus sentimentos e um humor malicioso.

A um século repleto de violência, Gandhi havia oferecido a mansa doutrina do *ahimsa* («não-violência»). Recorrera a ela para



Gandhi na roda de fiar, símbolo de seu desafio à Era do Imperialismo

mobilizar as massas da Índia, a fim de expulsar a Grã-Bretanha do subcontinente por meio de uma cruzada moral em vez da rebelião armada, com preces em vez de rajadas de metralhadora, silêncio desdenhoso em vez do estrondo das bombas terroristas.

A mensagem de Gandhi havia penetrado numa nação desprovida de comunicações modernas porque ele tinha o sentido dos gestos mais simples que falavam à alma da Índia. Num país onde a fome era flagelo secular, sua tática mais eficaz consistiu simplesmente em privar-se de alimentos – no jejum. Tinha humilhado a Grã-Bretanha apenas bebericando água com bicarbonato de sódio.

A Índia mística havia reconhecido na frágil silhueta desse ho-

mem a promessa de um Mahatma (uma «grande alma») e seguiu sua orientação. Para seus discípulos, Gandhi era um santo; para os burocratas ingleses, aos quais havia apressado a hora da partida, era um político astuto, um falso messias. Poucos dos ingleses que tinham parlamentado com Gandhi gostavam dele; menos ainda eram os que o compreendiam. O embaraço destes era justificável. Com estranha mistura de princípios morais e de obsessões sutis, Gandhi podia muito bem interromper sérias conversações políticas com um discurso sobre as vantagens da continência sexual ou de um clister diário de água com sal.

Para onde fosse, dizia-se, era aí a capital da Índia. Essa capital era agora a diminuta aldeia bengalesa

de Srirampur, na região de Noakhali, a nordeste de Calcutá, onde o Mahatma Gandhi jazia coberto de lama.

O dia de Ano Novo de 1947 devia ter sido um momento de enorme satisfação para ele. Encontrava-se a dois passos do objetivo pelo qual tinha lutado a maior parte da vida: a liberdade da Índia. No entanto, Gandhi sentia-se imensamente infeliz. Os motivos estavam patentes ali nas ruínas enegrecidas daquela aldeia onde estabelecera seu acampamento. Srirampur era um dos nomes impronunciáveis que figuravam nos relatórios recebidos quase todos os dias por Clement Attlee. Excitados por dirigentes fanáticos e por notícias de que os hindus estavam matando muçulmanos em Calcutá, os muçulmanos de Srirampur (como os de todo o delta, densamente povoado, formado pelos rios Ganges e Bramaputra) tinham atacado subitamente a minoria hindu do território, matando, violando, pilhando, incendiando, forçando muitos de seus vizinhos a comer carne das vacas sagradas. O fato de que, na hora do triunfo, os homens de seu país se estivessem voltado uns contra os outros, despedaçava o coração de Gandhi.

Outra tragédia ameaçava o líder. Desmembrar a Índia com base em crenças religiosas seria afastar-se de tudo quanto defendera. «Vós tereis de dividir meu corpo antes de dividirem a Índia», proclamava amiúde.

Durante dias, Gandhi tinha perambulado pela aldeia de Srirampur, falando com seus habitantes, meditando, esperando ouvir a «voz interior» que tantas vezes tinha iluminado seu caminho em momentos de crise.

Agora, tendo terminado seu tratamento de lama, Gandhi chamou os discípulos à cabana. A voz interior havia finalmente feito ouvir-se. E ele ia empreender uma peregrinação de penitência às aldeias devastadas pelo ódio.

Dizia que deixassem os políticos do Partido do Congresso e da Liga Muçulmana disputarem sobre o futuro da Índia em seus intermináveis debates em Delhi. Seria, como sempre fora, nas aldeias da Índia que se teria de encontrar a resposta aos problemas do país. Se Gandhi pudesse «reacender a chama da boa vizinhança» nessas aldeias atormentadas pelo sangue e pela amargura, seu exemplo poderia inspirar toda a nação.

O grupo pôs-se a caminho, de manhã cedo. Manu, sobrinha-neta de Gandhi, bonita moça de 19 anos, juntou os poucos objetos pessoais do Mahatma, que incluíam uma caneta e papel, uma agulha e linha, uma tigela de barro e uma colher de pau, sua roda de fiar e três gurus (pequena reprodução em marfim dos três macacos que «não ouvem, não vêem nem falam no mal»). A moça guardou também num saco de algodão os livros que davam uma imagem do ecletismo de Gandhi;

entre eles, o *Bhagavad-Gita*, um *Corão*, *Prática e Preceitos de Jesus* e um livro de *Pensamentos Judaicos*.

Com Gandhi à frente, o pequeno grupo seguiu além dos pântanos e dos pequenos bosques de arecas e coqueiros, em direção aos arrozais. Os habitantes da aldeia correram para ver pela última vez o velho curvado, de 77 anos, marchando com sua vara de bambu. À medida que o grupo perdia de vista através dos arrozais já ceifados, os habitantes da aldeia ouviram Gandhi cantar uma das mais belas canções de Rabindranath Tagore, poeta bengalês. Sua voz aguda, irregular, chegava até eles: «Se não responderem ao teu apelo, segue sozinho, segue sozinho!»

A Índia destruída

A GUERRA fratricida que Gandhi esperava conter fora na Índia, durante séculos, uma praga cruel, capaz de rivalizar com a fome. As duas grandes religiões implantadas no subcontinente indiano eram antagônicas. Enquanto o islã assentava num homem, o Profeta, e num texto preciso, o *Corão*, o hinduísmo era uma religião revelada, sem fundador, sem dogma definido nem clero estruturado. Para o muçulmano, o Criador mantinha-se afastado de sua criatura, ordenando e presidindo ao seu trabalho. Para o hindu, Criador e criatura eram unos e indivisíveis.

Em consequência disso, o hindu adorava Deus sob qualquer forma

que quisesse: nos animais, antepassados, sábios, espíritos, forças naturais, encarnações divinas, o Absoluto. Para o muçulmano, pelo contrário, havia um só Deus, Alá, e o *Corão* proibia ao crente representá-lo sob qualquer forma.

A maior barreira para o bom entendimento entre hindus e muçulmanos era, contudo, o sistema que regia a sociedade hindu (o sistema de castas) e, ligado a ele, um segundo conceito (a reencarnação). O hindu crê que seu corpo é apenas o invólucro temporário da alma no seu caminhar pela eternidade. O bem e o mal acumulados na vida de cada mortal determinavam se na encarnação seguinte a alma iria ascender ou descer na hierarquia das castas.

Para os muçulmanos, para os quais o islamismo era uma espécie de fraternidade de fiéis, todo aquele sistema constituía um anátema. Doutrina acolhedora, o islamismo atraiu milhões de adeptos para as mesquitas dos soberanos mongóis da Índia. Como não podia deixar de ser, a grande maioria deles era de «intocáveis», a casta mais baixa, que procuravam na fraternidade do islã uma aceitação que sua própria fé só lhes podia dar numa encarnação distante, enquanto ao mesmo tempo fugiam à pecha de infiéis. Assim, os hindus de casta não tocavam em comida na presença de um muçulmano. Um muçulmano que entrasse na cozinha de um hindu iria poluí-la. O toque da mão de um muçul-

mano podia levar um brâmane, a mais elevada das castas hindus, a lançar gritos lancinantes para se purificar com horas de abluções rituais.

No início, o movimento para a independência da Índia esteve confinado a uma elite intelectual, na qual hindus e muçulmanos iriam ignorar suas divergências comunitárias para trabalharem lado a lado num objetivo comum. Inevitavelmente, porém, e sem querer, o Partido do Congresso, de Gandhi, começou a manifestar tendência hindu, o que despertou a desconfiança dos muçulmanos: numa Índia independente, eles seriam submetidos pela grande maioria hindu.

A criação, no subcontinente, de uma nação islâmica separada, o Paquistão, parecia oferecer uma saída para tal destino. Adotada pelo organismo que era o ponto central das aspirações nacionalistas muçulmanas, a Liga Muçulmana, esta idéia apoderou-se gradualmente da imaginação das massas muçulmanas da Índia. Seu progresso foi naturalmente alimentado pela atitude chauvinista dos líderes preponderantes hindus do Congresso, que continuaram decididos a não fazer concessões a seus adversários muçulmanos.

O acontecimento que serviu para catalisar em violência a crescente rivalidade das comunidades hindu e muçulmana da Índia ocorreu em 16 de agosto de 1946, cerca de cinco meses antes de Gandhi

empreender sua marcha de penitente. O local foi Calcutá, metrópole com extraordinária fama de violenta e brutal. O cúmulo da infelicidade, observou certa vez um habitante de Calcutá, era ter nascido «intocável» nas favelas de Calcutá. Essas favelas continham uma das mais densas concentrações humanas de todo o mundo: focos repelentes de miséria sem igual, com hindus e muçulmanos reunidos na mesma imundície.

Na madrugada do dia 16 de agosto, bandos de muçulmanos em clamor quase religioso surgiram de seus bairros sórdidos, brandindo paus, barras de ferro, pás, em resposta a um apelo feito pela Liga Muçulmana que proclamava o 16 de agosto como «Dia de Ação Direta», para demonstrar à Grã-Bretanha e ao Partido do Congresso que os muçulmanos da Índia estavam dispostos a «conquistar o Paquistão para si próprios, por 'ação direta' se necessário». Espancaram brutalmente todos os hindus que encontravam pelo caminho e deixaram depois os cadáveres nos esgotos da cidade. A polícia, aterrorizada, simplesmente desapareceu. Em breve, colunas de fumaça se erguiam de vários pontos da cidade. Eram os bazares hindus em chamas.

Mais tarde, grupos de hindus vieram por sua vez ao ataque, à procura de muçulmanos sem defesa, para matá-los. Quando a violência passou, Calcutá pertencia aos abutres. Em repelentes bandos

cinzentos, deslizavam pelos céus para mergulharem depois em espiral, saciando-se nos corpos dos cinco mil mortos da cidade. A ameaça que os muçulmanos estavam anunciando há anos, de um cataclismo que iria desabar sobre a Índia se lhes negassem seu próprio estado, tornara-se realidade assustadora.

Para o frio e brilhante advogado que tinha sido o principal adversário muçulmano de Gandhi durante um quarto de século, esta perspectiva tornava-se agora o instrumento com o qual se iria desmembrar a Índia. Mohammed Ali Jinnah, mais do que Gandhi ou qualquer outra pessoa, tinha nas mãos o futuro da Índia, no dia de Ano Novo de 1947. Era com esse duro e inflexível messias muçulmano que o bisneto da Rainha Vitória teria de tratar quando chegasse à Índia.

Em Bombaim, em agosto de 1946, ele pesava para seus correligionários da Liga Muçulmana as lições do Dia de Ação Direta. De lábios pálidos, contraídos num sorriso contrafeito, de olhos penetrantes, iluminados de paixão reprimida, Jinnah lançou um desafio ao Congresso, aos ingleses.

«A Índia será dividida», afirmou ele, «ou a Índia será destruída.»

A alternativa de Gandhi

NA ÍNDIA, Mountbatten logo descobriu que o governo, uma coligação do Partido do Congresso e

da Liga Muçulmana, era de fato uma assembléia de inimigos, dividida de maneira tão acérrima que seus membros quase não falavam uns com os outros. Estava prestes a haver uma cisão.

Perante tal perspectiva, acossado pelos relatos de violência, Mountbatten chegou a uma importante decisão. A data de junho de 1948, fixada em Londres para transferência de poderes (data a respeito da qual ele próprio tinha insistido com Attlee) era inteiramente descabida. Fosse qual fosse a decisão quanto ao futuro da Índia, teria de chegar a ela em semanas, não em meses.

No primeiro relatório para Attlee, a 2 de abril de 1947, o jovem almirante fazia uma advertência angustiada. «A única conclusão a que pude chegar», escrevia ele, «é que, se não agir rapidamente, é provável que me veja a braços com o início de uma guerra civil.»

Mountbatten havia decidido recorrer a uma tática revolucionária em suas negociações com os líderes da Índia. Todos os esforços, para persuadir esses homens a chegarem a uma solução para os problemas de seu país nas reuniões oficiais, tinham caído num impasse. Em vez disso, esperava poder levá-los à unidade, argumentando com eles um a um, em particular no seu gabinete.

Quatro indianos estavam em causa: Gandhi, Jinnah, Jawaharlal Nehru e Vallabhbhai Patel. Todos eles já tinham passado a meia-

-idade e todos haviam dedicado a melhor parte da vida a lançar a agitação contra os ingleses e polemizar uns com os outros. Todos eram formados em Direito e tinham aprendido a prática forense nos tribunais ingleses.

O primeiro a vir foi Nehru. A princípio, encaminhado pela mão de Gandhi, tinha progredido rapidamente nas bancadas do Congresso, a ponto de presidi-lo por quatro vezes. O Mahatma havia deixado bem claro que era sobre os ombros de Nehru que desejava recaísse sua sucessão.

Mountbatten e Nehru logo chegaram a um acordo sobre dois pontos importantes: que era essencial uma decisão rápida para evitar um banho de sangue e que a divisão da Índia seria uma tragédia. Nehru chamou a atenção de Mountbatten para Gandhi que estava, segundo ele, levando ungüentos, para curar as pequenas feridas da Índia, em vez de diagnosticar o mal e participar do tratamento do corpo inteiro».

Ao oferecer uma visão do crescente distanciamento entre Gandhi e seus companheiros mais próximos, Nehru forneceu a Mountbatten um enfoque vital. Se não pudesse persuadir os líderes da Índia a manterem o país unido, teria de persuadi-los a dividirem-no. Para isso, sua única esperança era afastar os líderes do Congresso de seu mentor, que estava envelhecendo.

Gandhi foi várias vezes falar com Mountbatten. Quase tudo em

suas personalidades parecia destinar os dois homens à discordância. No entanto, nos meses que se iriam seguir, Gandhi, o pacifista, encontraria, no dizer de um de seus confidentes, na alma do militar profissional «o eco de certos valores morais que palpitavam em sua própria alma». Por outro lado, Mountbatten ficaria de tal modo ligado a Gandhi que predisse: «O Mahatma ficará na história, a par de Cristo e Buda.»

O primeiro encontro dos dois grandes prolongou-se por mais de duas horas. Foi marcado por um gesto simples, mas extraordinário. A meio das negociações, os dois homens, acompanhados pela esposa de Mountbatten, Edwina, foram até o jardim para serem fotografados. O líder indiano gostava de passear com as mãos apoiadas nos ombros de duas moças a quem chamava com afeto suas «muletas». Depois das fotos, o revolucionário, que tinha passado uma vida inteira lutando contra a Grã-Bretanha, pousou instintivamente a mão no ombro da última vice-rainha e, com a mesma serenidade com que caminharia sem pressa para a oração da tarde, voltou ao gabinete do vice-rei.

No segundo encontro, os dois homens abordaram um problema importante. Só uma coisa importava, na opinião de Gandhi. «Não dividam a Índia», suplicava este profeta da não-violência. «Não a dividam mesmo que isso signifique fazer correr rios de sangue.»

Mountbatten, impressionado, assegurou a Gandhi que a divisão da Índia seria a última solução que viesse a adotar. Que alternativas, então, lhe restavam?

Gandhi tinha uma. Tão disposto estava em evitar a divisão da Índia que preferia entregar o filho aos muçulmanos do que cortá-lo ao meio. «Ponha 280 milhões de hindus sob o domínio muçulmano», disse Gandhi a Mountbatten. «Dê a Jinnah toda a Índia em vez de lhe dar apenas a parte que ele pretende. O Congresso quer, acima de tudo, evitar a divisão. Fará tudo para evitá-la.»

Gandhi, no entanto, estava enganado, e seu erro alargava o fosso que havia entre ele e os homens que o seguiam há um quarto de século. Esses homens tinham trocado seus trajes de ocidentais por roupas de *khadi*,* enfrentavam os bastões da polícia e marchavam para os portões das prisões inglesas. Suas divergências latentes tinham sido ultrapassadas na luta comum contra os ingleses. No entanto, havia um limite para o preço que Nehru e Patel estavam dispostos a pagar para manterem a Índia unida. A entrega do poder a seu inimigo Jinnah excedia esse preço. Gandhi, a contra-gosto, tinha de dizer ao vice-rei que fora incapaz de demover seus colegas.

O gênio do mal

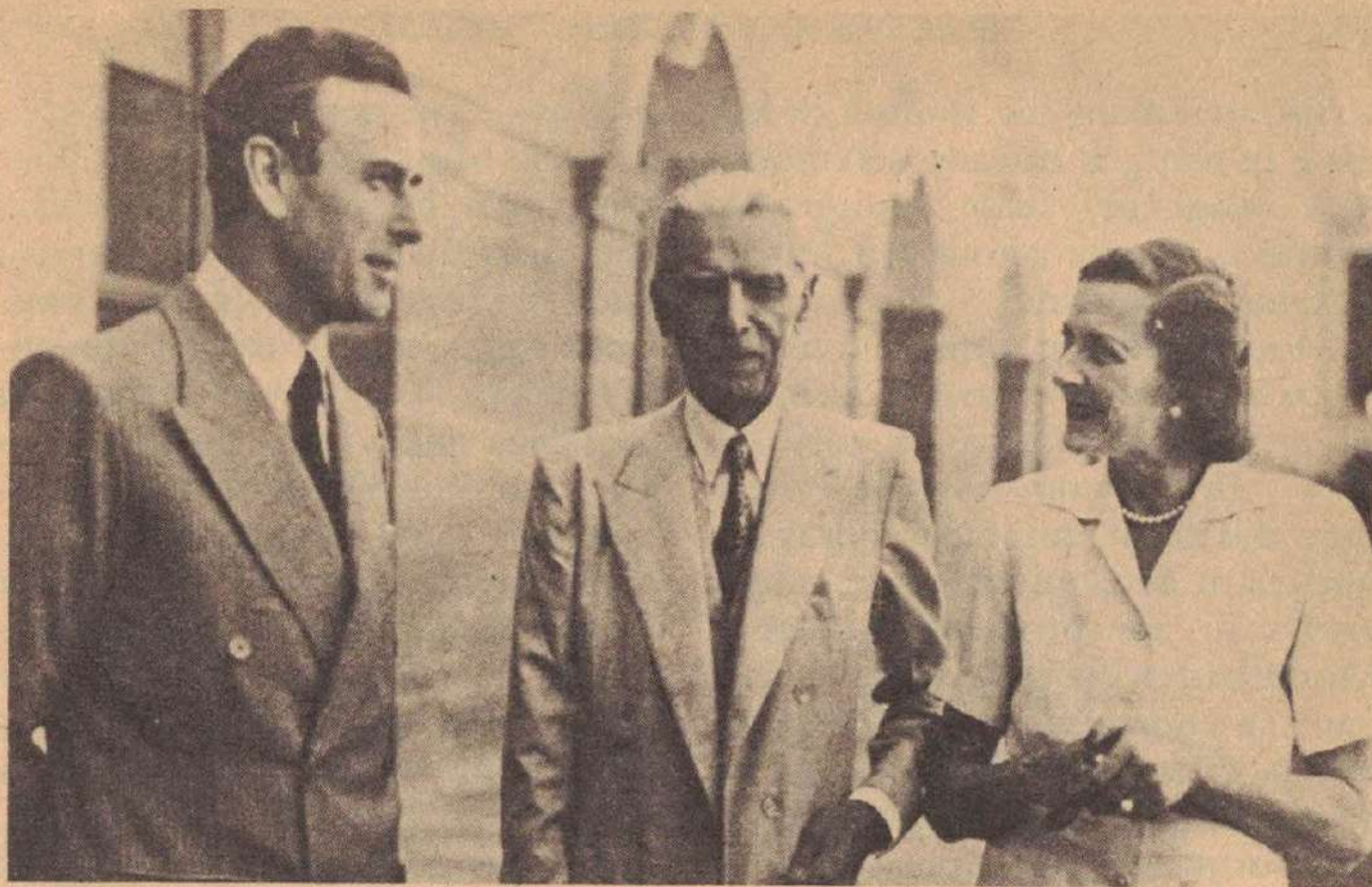
O HOMEM que teria finalmente a solução para o dilema do subcontinente foi o último dos líderes indianos a entrar no gabinete do vice-rei. Um quarto de século mais tarde, ainda com um pouco de amargor a embargar-lhe a voz, Louis Mountbatten lembraria: «Só me apercebi de que a minha tarefa na Índia ia tornar-se verdadeiramente impossível quando me encontrei com Mohammed Ali Jinnah pela primeira vez.»

O encontro principiou com uma gafe que revela bem a maneira de ser meticulosa e calculista, de Jinnah, para quem nenhum gesto podia ser espontâneo. Prevendo que iria ser fotografado com os Mountbattens, Jinnah tinha decorado cuidadosamente uma pequena frase amável, para agradar a Edwina Mountbatten que certamente ficaria entre o vice-rei e ele.

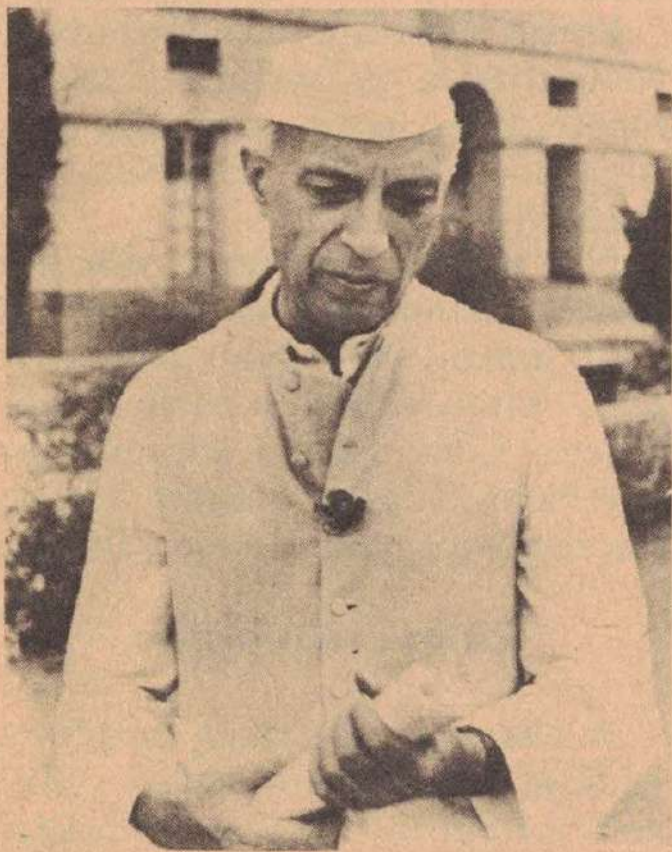
Pobre Jinnah! Foi ele próprio, e não Edwina, quem acabou por ficar no meio. Assim mesmo, não pôde conter-se. Estava programado como um computador, e sua frase, cuidadosamente ensaiada, tinha que ser dita. «Ah!», exclamou, sorridente, «uma rosa entre dois espinhos.»

Seria difícil imaginar um líder menos apropriado para conduzir as massas muçulmanas da Índia. A única coisa de muçulmano em Mohammed Ali Jinnah era o fato de seus pais terem sido por acaso

* Algodão tecido em casa, com que se vestiam os adeptos do movimento para a autonomia da Índia, em vez de usarem tecidos estrangeiros fabricados a máquina.



Certo de que Lady Mountbatten ficaria no centro da fotografia protocolar, Mohammed Ali Jinnah, líder muçulmano da Índia, preparou uma frase de espírito para dizer na ocasião. Tendo ficado ele próprio no centro, Jinnah mesmo assim deixou escapar a frase «uma rosa entre espinhos»



Jawaharlal Nehru, o herdeiro político de Gandhi. Traz uma rosa recém-colhida, que seria o seu símbolo permanente.

REFLEX, LONDRES

muçulmanos. Ele bebia, fazia a barba todas as manhãs e evitava a mesquita às sextas-feiras. Em sua visão do mundo, não havia lugar para Deus e o Corão. Seu adversário político, Gandhi, conhecia mais versículos do livro-santo muçulmano do que ele.

Jinnah tinha 1,80 m de altura, mas pesava apenas 54 quilos. A pele do rosto era esticada e tão fina que os pômulos salientes pareciam emitir um brilho translúcido. Era um homem frágil, doente, que estava sobrevivendo há três anos graças a «força de vontade, uísque e cigarros», no dizer de seu médico.

A força de vontade era o elemento-chave de seu caráter e de seus empreendimentos. Os adver-

sários atribuíam-lhe muitos defeitos e os amigos muitos descuidos, mas ninguém, fosse amigo ou inimigo, ousaria acusar Ali Jinnah de falta de vontade.

Mountbatten e Jinnah tiveram cinco reuniões críticas no decorrer da primeira quinzena de abril de 1947. Eram conversações vitais (que durariam quase dez horas), e que iriam determinar finalmente a resolução do problema indiano. Mountbatten foi para elas munido com «a enormíssima confiança na minha capacidade de persuadir as pessoas a fazer o que fosse melhor, não porque eu seja persuasivo mas sobretudo porque tenho o dom de apresentar os fatos à luz mais favorável». Como ele recordaria mais tarde, «experimentei todos os truques de que dispunha, fiz todos os apelos que pude imaginar», para demover Jinnah de sua intenção de dividir a Índia. Tudo em vão. Não houve truque ou argumento que pudessem demovê-lo.

Mountbatten ficou estupefato com a firmeza da posição de Jinnah. «Jamais poderia acreditar», lembraria depois, «que um homem inteligente, bem educado, treinado nos tribunais ingleses, fosse capaz de fechar seu espírito, como o fez Jinnah. Não era que não compreendesse a questão. Ele a via, mas descia sobre ele uma espécie de cortina. Jinnah era o gênio maléfico daquilo tudo. Outros podiam ser persuadidos; ele, não.»

O ponto culminante das conversações deu-se a 10 de abril,

menos de três semanas após a chegada de Mountbatten à Índia. Durante duas horas, ele pediu, induziu, discutiu e suplicou a Jinnah que mantivesse a Índia unida. Com toda a eloquência de que podia dispor, traçou um quadro da grandeza que a Índia poderia atingir, com seus 400 milhões de habitantes de raças e credos diferentes, todos regidos por um governo de União nacional, com todo o potencial econômico que lhe adviria da crescente industrialização e com um grande papel a desempenhar na política mundial como a entidade mais progressiva do Extremo Oriente. Por certo, Jinnah não queria destruir tudo isso, para condenar o subcontinente a uma existência de terceira categoria.

Jinnah permaneceu impassível. Mountbatten concluiu, tristemente, que ele era «um caso psicopático, obcecado com seu Paquistão».

Na manhã seguinte, discutiu com seus funcionários a conversa com Jinnah. A seguir, com tristeza, voltou-se para o chefe do gabinete, Lord Ismay, dizendo-lhe que havia chegado o momento de traçar planos para dividir a Índia.

Vitória sem brilho

A FIM DE satisfazer os exigentes pedidos de Mohammed Ali Jinnah, teriam de ser desmembradas duas das mais características províncias da Índia — Pendjab e Bengala. O resultado faria do Paquis-

tão uma aberração geográfica, nação de duas cabeças separadas por uma região montanhosa de 1.500 quilômetros de largura, toda ela em território puramente indiano. Seriam necessários cerca de dez dias para fazer a viagem marítima em torno do subcontinente, de uma metade do Paquistão à outra. Um vôo direto entre essas duas regiões exigiria quadrimotores, o que se tornaria um luxo dispendioso para o novo estado.

Além disso, à parte a fé comum em Alá, os pendjabis e os bengalis eram tão diferentes entre si como os finlandeses dos gregos. Os bengalis eram pequenos, escuros e ágeis, fazendo parte racialmente das massas da Ásia; os pendjabis eram originários das estepes da Ásia Central, e suas características arianas apresentavam traços do Turquestão, Rússia, Pérsia e desertos da Arábia. Nem a história, nem a língua, nem a cultura forneciam qualquer traço de união pelo qual esses povos pudessem comunicar-se. Sua junção num só estado do Paquistão seria contra todos os princípios da lógica.

Pendjab era a mais preciosa pérola da Índia. Quase com metade do tamanho da França, estendia-se desde o rio Indo no noroeste até as imediações de Delhi: uma região de rios cintilantes e de vastos campos, ricos, estendendo-se até o horizonte azul à distância — um oásis no meio da aridez da Índia.

Era impensável dividi-lo, pois 15 milhões de hindus, 16 milhões

de muçulmanos e 5 milhões de siques partilhavam entre si os subúrbios e as ruelas de suas 17.932 cidades, vilas e aldeias. Embora separados pela religião, partilhavam uma língua falada comum e as mesmas tradições. Sua prosperidade econômica assentava sobre um milagre realizado pelo homem, milagre que, por sua própria natureza, não podia ser dividido: a imensa rede de canais de irrigação no sentido leste-oeste que tinha sido construída pelos ingleses e havia feito do Pendjab o celeiro da Índia.

A rede de ferrovias e de rodovias da província, planejada para levar os produtos agrícolas do Pendjab ao resto da Índia, seguia o mesmo sentido. Para onde quer que se dirigisse, a fronteira de um Pendjab dividido teria de se estender de norte para sul, cortando as redes de irrigação e de transportes da província. Qualquer fronteira iria também cortar ao meio a orgulhosa e belicosa comunidade sique, deixando pelo menos dois milhões de indivíduos, com as ricas terras que tinham conquistado ao deserto e alguns de seus lugares mais sagrados, dentro de um estado muçulmano.

A divisão de Bengala, na outra extremidade do subcontinente, apresentava as características de outra tragédia. Abrigando mais população do que a Grã-Bretanha e a Irlanda juntas, Bengala tinha 35 milhões de muçulmanos, vivendo a maior parte deles a leste, e 30

milhões de hindus, principalmente a oeste. Tudo em Bengala (rodovias, ferrovias, comunicações, indústria) convergia para Calcutá. Se Bengala fosse dividida em duas metades, oriental e ocidental, Calcutá em vista de sua localização, certamente ficaria no ocidente hindu, condenando desta forma o oriente muçulmano a lenta mas inexorável asfixia. Se quase toda a juta do mundo era cultivada em Bengala oriental, todas as fábricas que a transformavam em cordas, sacos e tecidos se localizavam em volta de Calcutá, em Bengala ocidental. O oriente muçulmano, que dava a juta, quase não produzia gêneros alimentícios, e seus milhões de habitantes sobreviviam à custa do arroz que provinha do ocidente hindu.

Por último, nenhum aspecto da divisão era mais ilógico do que o fato de que o Paquistão de Jinnah apenas libertaria pouco mais de metade dos muçulmanos da Índia das alegadas injustiças resultantes do domínio da maioria hindu. Os restantes muçulmanos estavam tão amplamente disseminados pelo resto da Índia que era impossível agrupá-los separadamente. Constituindo verdadeiras ilhas num mar hindu, seriam eles as primeiras vítimas de um conflito entre os dois países, reféns muçulmanos da Índia, garantindo o bom comportamento do Paquistão. Na verdade, mesmo depois da amputação, a Índia ainda abrigaria quase 45 milhões de muçulmanos, número

que a tornaria a segunda maior nação muçulmana do mundo, vindo logo após o novo estado saído de suas próprias entranhas.

SE LOUIS Mountbatten, Jawaharlal Nehru ou o Mahatma Gandhi em abril de 1947 tivessem tido conhecimento de um segredo extraordinário, podia ter sido evitada a divisão que ameaçava a Índia. Esse segredo estava contido num pedaço de filme — a radiografia de dois pulmões humanos que a tuberculose estava devorando. O mal tinha alastrado a tal ponto que o doente apenas poderia viver mais dois ou três anos. Selada num envelope, sem qualquer indicação exterior, a radiografia estava fechada no cofre de um médico em Bombaim, e os pulmões eram do homem rígido e inflexível que tinha feito frustrar os esforços de Louis Montbatten para preservar a unidade da Índia.

ASSIM começou a última e dolorosa fase da peregrinação que foi a vida do Mahatma Gandhi. Era a noite de 1.º de maio de 1947. De pernas cruzadas no chão, com uma toalha embebida em água sobre a cabeça calva, Gandhi acompanhava com tristeza o debate dos homens que o rodeavam, o alto-comando do Partido do Congresso.

Nehru, Patel e os outros sentiam todos que uma catástrofe ameaçava a Índia e que a divisão, por dolorosa que fosse, represen-

tava a única maneira de salvar o país. Gandhi pensava com todo o seu coração e sua alma que eles estavam enganados. Sua tragédia era não ter qualquer alternativa real a propor, além de sua intuição, que esses homens tinham seguido tantas vezes antes. Naquela noite, contudo, já não era um profeta. «Eles me chamam de Mahatma», observou amargamente mais tarde a um amigo, «mas digo-lhe que não sou tratado sequer como um varredor.»

Patel já estava disposto a admitir a divisão antes mesmo da chegada de Mountbatten. Dêem a Jinnah o seu estado, argumentava ele; de qualquer modo, esse estado não sobreviverá.

Nehru estava angustiado. Por instinto, detestava a divisão, mas seu espírito racionalista dizia-lhe que essa era a única solução. Um argumento era vital. Afastado Jinnah, a Índia hindu podia ter o forte governo central de que Nehru necessitaria se quisesse construir o estado socialista de seus sonhos. Assim, finalmente, também ele se colocou contra o homem a quem tinha seguido por tanto tempo.

Com estes dois votos decisivos, o resto do alto-comando rapidamente se alinhou no mesmo sentido. Nehru foi autorizado a informar o vice-rei de que, embora o Congresso continuasse «profundamente ligado à idéia de uma Índia unida», aceitaria o desmembramento. Gandhi, o homem que

os tinha levado ao triunfo, foi deixado sozinho, com sua vitória sem brilho e seu sonho desfeito.

Mountbatten também consideraria mais tarde que o seu fracasso em demover Jinnah fora o grande desapontamento de sua carreira. A divisão, escrevia Mountbatten no seu relatório pessoal ao governo de Attlee, «é pura loucura» e «jamais alguém me poderia persuadir a concordar com ela, não fosse por essa fantástica loucura coletiva que se apoderou de toda a gente sem deixar qualquer outra saída...». A responsabilidade por esta decisão louca, acreditava ele, devia ser atribuída «toda ela aos indianos, perante o mundo, pois um dia eles lamentarão amargamente a decisão que estão prestes a tomar».

Buda inescrutável

MOUNTBATTEN sabia que Churchill era seu amigo, embora o apreciasse, pensava ele, «pelas piores razões. Imaginava que eu era um valentão, um guerreiro. Não tinha a menor idéia das minhas opiniões políticas.» Agora, tendo voado de Nova Delhi para Londres a fim de apresentar o plano de divisão da Índia ao governo britânico, Mountbatten, a pedido de Attlee, iria levar Churchill a executar um dos atos mais penosos da carreira política do velho conservador. Queria sua aprovação pessoal para o plano que daria início ao fatal desmembramento do império tão querido de Churchill.

«Winston», disse Attlee a Mountbatten, ao pedir-lhe que fosse ver Churchill, «é quem manda na Grã-Bretanha. Nem eu nem ninguém do meu governo conseguiria possivelmente persuadi-lo, mas ele é seu amigo. Ele confia em você. Portanto, você tem uma chance.»

A afeição de Churchill pela Índia era violenta e irreal. Lá estivera como jovem oficial subalterno no 4.º Regimento de Hussardos da Rainha, e levava uma vida regada. Mesmo 41 anos depois de sua partida para a Grã-Bretanha, ainda mandava todos os meses duas libras esterlinas ao hindu que tinha sido seu criado durante dois anos, quando ele era jovem oficial subalterno.

Sua fé no sonho imperial era inquebrantável e desde 1910 tinha resistido obstinadamente a todas as tentativas para levar a Índia para o caminho da independência. «A perda da Índia», dizia ele em 1931, «seria definitiva e fatal para nós. Não poderia deixar de ser parte de um processo que nos reduziria à escala de uma potência secundária.» Embora Churchill e seu Partido Conservador tivessem sido derrotados em 1945, ainda dispunham de maioria absoluta na Câmara dos Lordes. Isso lhes dava o poder, se quisessem, de atrasar a independência por dois anos.

De olhos semicerrados, Churchill ouvia os argumentos de Mountbatten com o ar inescrutável de um buda perdido em medi-

tação. Nada, nem a perspectiva do colapso da Índia, nem o caos, nem a desordem civil despertavam suas feições impassíveis.

Mountbatten, contudo, tinha, trazido da Índia um argumento capaz de despertar as emoções do velho líder: era a promessa do Congresso indiano de aceitar o estatuto de domínio, se este fosse apresentado imediatamente. Ao abrir-se a perspectiva de que os mais implacáveis inimigos da soberania britânica na Índia aceitariam permanecer na Comunidade Britânica, a atitude de Churchill mudou sensivelmente. Seu querido Império podia estar prestes a extinguir-se, mas neste caso, pelo menos, havia a esperança de que restaria alguma coisa dele.

Olhou para Mountbatten, com desconfiança, e perguntou se havia alguma coisa por escrito. Este respondeu que tinha uma carta de Nehru, agora em poder de Attlee, informando que o Congresso aceitaria desde que o estatuto de domínio fosse conferido sem demora.

Quanto ao seu velho adversário. Gandhi, Mountbatten reconheceu que era imprevisível em suas reações. Constituíam perigo potencialmente grave, mas, com a ajuda de Nehru e de Patel, esperava poder contê-lo, numa crise.

Churchill lançou um olhar feroz, meditando, com o charuto preso entre os dentes.

Por fim, declarou que, se Mountbatten pudesse realmente

apresentar a aceitação formal, pública, de todos os partidos da Índia ao seu plano, então «todo o país» estaria com ele. Churchill e seu Partido Conservador se aliariam aos trabalhistas para fazerem passar rapidamente no Parlamento a legislação histórica de que Mountbatten precisava, antes do recesso de verão. A Índia podia tornar-se independente, não em anos ou meses, mas em semanas, mesmo em dias.

Tarefa cruel

NO DIA 3 de junho de 1947, os principais líderes indianos anunciavam formalmente seu acordo para dividir o subcontinente em duas nações distintas e soberanas. O próprio Gandhi sofria com a próxima divisão da Índia. «É terrível! É terrível!» dizia ele. No entanto, em público manteve silêncio, e muitos indianos nunca o perdoaram por isso.

Pouco tempo depois, numa entrevista coletiva, perguntaram a Mountbatten se tinha em mente qualquer data para a transferência de poderes. «Eu tinha de forçar as coisas», lembrava ele mais tarde. «Sabia que tinha de forçar o Parlamento a aprovar a lei antes do recesso de verão, para dominar os acontecimentos. Estávamos sentados na beira de um vulcão, em cima de uma bomba com o estopim ardendo e não sabíamos quando iria explodir.» Com a voz embargada por súbita emoção,

anunciou: «A transferência de poderes será a 15 de agosto.»

Isso deixava exatamente 73 dias para preparar os documentos. Como na maioria dos casos de separação, as divergências mais amargas surgiram por causa de dinheiro. Regateando como vendedores de tâmaras num bazar de Lahore, os dois advogados escolhidos para a tarefa (um hindu, outro muçulmano) concordaram finalmente em que o Paquistão ficaria com 17,5% do dinheiro que se encontrasse nos bancos do Estado e tomaria a si igual percentagem da dívida pública.

Os valores móveis da vasta máquina administrativa da Índia seriam divididos na proporção de 80 para 20. Por toda a Índia, os serviços públicos começaram a contar suas cadeiras, mesas, vassouras e máquinas de escrever. Em Lahore, o Superintendente da Polícia, W. H. Rich, dividiu seu equipamento entre um adjunto muçulmano e um adjunto hindu. Dividiu tudo: polainas, turbantes, espingardas, cassetetes. O último lote compunha-se dos instrumentos da banda de música da polícia. Rich os repartiu (uma flauta para o Paquistão, um tambor para a Índia, uma trombeta para o Paquistão, um par de címbalos para a Índia) até ficar um só instrumento, um trombone. Diante de seus olhos incrédulos, os dois adjuntos, colegas durante anos, trocaram murros para ver quem ficava com o último trombone.

As divergências mais amargas surgiram a propósito dos livros existentes nas bibliotecas indianas. Foram religiosamente divididas coleções da *Encyclopedia Britannica*, com volumes alternados para cada domínio. Dicionários foram separados em dois: as letras A a K para a Índia, o resto para o Paquistão.

A mais complexa das tarefas resultantes da divisão da Índia iria recair sobre o homem geralmente reconhecido no verão de 1947 como o advogado mais brilhante da Inglaterra: Sir Cyril Radcliffe.

Não obstante seus conhecimentos enciclopédicos em vasto campo de matérias, Radcliffe não sabia praticamente nada sobre a Índia. Parece paradoxal, mas precisamente por esse motivo é que foi o escolhido. O problema central deixado em aberto no plano de divisão de Mountbatten consistia em saber como o Pandjab e Bengala iriam ser divididos entre a Índia e o Paquistão. Consciente de que nunca poderiam chegar eles próprios a um acordo a esse respeito, Nehru e Jinnah tinham decidido deixar o problema nas mãos de uma comissão de fronteiras, cujo presidente seria algum conceituado advogado inglês sem qualquer experiência da Índia. Radcliffe era o presidente ideal.

A data de 15 de agosto constituía, porém, motivo de apreensão para ele. Radcliffe advertiu Mountbatten que, se na verdade lhe fosse imposta tão grande pressão, seria natural que se come-

tessem graves erros nas linhas divisórias. Mountbatten reconheceu que assim era. No entanto, já não havia tempo, e Nehru e Jinnah estavam de acordo neste ponto.

O insistente pedido de urgência não deixou a Radcliffe alternativa se não trabalhar praticamente só. Quase sem contatos humanos com as grandes comunidades que ia dividir, foi forçado a imaginar as conseqüências da sua divisão em áreas que fervilhavam de vida. Nunca tinha passeado num dos arrozais ou examinado um dos campos de juta que seu lápis ia mutilar. Comunidades inteiras seriam separadas das terras que laboravam, fábricas seriam separadas de seus armazéns, centrais elétricas de suas redes de distribuição, e tudo isto por causa da urgência que os dirigentes hindus lhe tinham imposto, obrigando-o a demarcar, em média, 50 quilômetros de fronteira por dia.

À medida que passavam as semanas de verão, Radcliffe sófia mais com o calor, intenso e enervante. Os três compartimentos de sua residência estavam repletos de mapas, assim como de documentos e relatórios elaborados por peritos que trabalhavam no Pendjab e em Bengala, datilografados todos eles em fino papel de arroz. Quando se debruçava sobre a mesa de trabalho, de mangas arregaçadas, aquelas folhas de papel lhe colavam nos braços cheios de suor, deixando-lhe gravadas na pele úmida, quando se descola-

vam, algumas palavras que representavam, talvez, as esperanças e os apelos desesperados de milhares de seres humanos.

Logo de início, Radcliffe percebeu que, fizesse o que fizesse, haveria sangue derramado e carnificina quando seu relatório viesse a lume. Quase todos os dias, à medida que traçava suas fronteiras, recebia notícias de aldeias no Pendjab, às vezes das próprias comunidades cuja sorte estava decidindo, nas quais populações que tinham vivido lado a lado durante gerações subitamente se enfureciam e se voltavam umas contra as outras, num delírio de morte.

Lentamente, trabalhando por parcelas, pegando primeiro nas coisas mais fáceis e mais evidentes, Radcliffe delineava suas fronteiras no mapa da Índia. Um pensamento o perseguia: seja como for, quando eu acabar, eles vão começar a matar-se, uns aos outros.

Polícia de um só homem

O SONHO de Gandhi sempre tinha sido criar uma Índia moderna que oferecesse à Ásia e ao mundo um exemplo vivo de seus ideais sociais. Para seus críticos, esses ideais eram uma mistura heterogênea das obsessões de um velho excêntrico; para seus partidários, porém, representavam uma bóia de salvação lançada à humanidade por um velho estranhamente lúcido, num mundo que estava enlouquecendo.

O Mahatma opunha-se frontalmente a que a Índia imitasse as realizações da sociedade industrial e tecnológica que a tinha colonizado. A salvação da Índia, argumentava ele, estava «em desaprender aquilo que tinha aprendido nos últimos 50 anos». A ciência não devia presidir aos valores humanos, insistia ele. A tecnologia não devia comandar a sociedade, e a civilização não consistia em multiplicar até o infinito as necessidades humanas, mas antes em limitá-las voluntariamente, reduzindo-as ao essencial que pudesse ser equitativamente partilhado por todos.

Seu programa econômico era o seguinte: «Os velhos utensílios tradicionais, o arado e a roda de fiar, têm sido nossa fonte de sabedoria e de bem-estar. Devemos retornar à antiga simplicidade. Quando o homem inventar um trator que dê leite, *ghee** e estrume, eu o recomendarei aos camponeses da Índia como substituto da vaca.»

Agora, com a aproximação da independência, o apego às suas idéias estava se tornando um embaraço para os socialistas fabianos, como Nehru, e para ardentes capitalistas, como Patel. Estes acreditavam nas máquinas, na indústria, na tecnologia e em todo o equipamento que o Ocidente tinha trazido para a Índia e que Gandhi condenava com tanta veemência.

* Manteiga clarificada, feita de leite de búfalo ou de outro animal.

Viam com pesar que o Mahatma insistia mesmo em proclamar publicamente os cânones pelos quais esperava que eles e os outros líderes da nova Índia fossem viver.

Todos os ministros, segundo ele, deviam usar exclusivamente *khadi* e não ter criados nem carro, e haviam de passar pelo menos uma hora por dia em trabalhos físicos, fiando, cultivando a terra, para ajudar a vencer a escassez de alimentos. Não deveriam ter mobiliário estrangeiro (sofás, mesas e cadeiras). Gandhi estava seguro de que «nenhum líder de uma Índia independente hesitaria em dar o exemplo, limpando ele próprio o seu banheiro».

Ingênuas, mas inatacavelmente sensatas, suas palavras revelavam de maneira pungente o dilema inerente a todos os ideais de Gandhi. Eram um programa perfeito, para atores imperfeitos. Por mais ingênuo que pudesse ser, Gandhi foi o homem que previu as tremendas dimensões da tragédia que se anunciava. «Será uma orgia de sangue», dizia ele. «Havemos de nos despedaçar no ventre da mãe que nos concebeu.»

Para manter a ordem no Pendjab depois de 15 de agosto, Mountbatten decidiu constituir uma força especial de 55 mil homens. No entanto, quando a tormenta desabou, essa força ia ser

DAVID DUNCAN



Lord Mountbatten e Mohandas Gandhi

varrida como casebres de praia despedaçados pela ressaca. A realidade brutal é que ninguém (Nehru, Jinnah, ou o próprio vice-rei) previra a magnitude e a forma do desastre que ia tombar sobre a Índia. Esta falha de previsão iria desconcertar os historiadores e lançar uma onda de críticas sobre o último vice-rei da Índia.

Mountbatten pensava que o verdadeiro pesadelo, naqueles últimos dias, seria não no Pendjab, mas em Calcutá. Se alguma vez surgissem distúrbios em seus bairros miseráveis e em seus bazares apinhados, nenhuma força militar, por mais numerosa que fosse, seria capaz de dominá-los. Necessitaria de outra tática para manter a calma na cidade. Talvez Gandhi, com a força de sua personalidade e seu ideal de não-violência, pudesse conseguir ali o que as tropas não conseguiriam.

Expôs sua idéia a Gandhi em fins de julho. «Vá para Calcutá», insistia Mountbatten. «Você será a minha força de fronteira, composta de um só homem.»

Chuva de pedras

EM AGOSTO de 1947, uma miragem de prosperidades dissimulava a realidade de Calcutá. A luxuriante extensão verde do Maidan, as suntuosas mansões e os escritórios das grandes companhias comerciais ao longo de Chowringhee Road não passavam de um verniz superficial de fachada tão

falsa como um cenário de cinema. Por trás, ao longo de quilômetros e quilômetros, estendia-se um esgoto humano constituído por uma das mais densas concentrações populacionais da Terra. Três milhões de seres humanos viviam em Calcutá, incluindo 400 mil mendigos e desempregados e 40 mil leprosos. Os bairros imundos que habitavam eram um horror fedorento. As ruas não passavam de becos desordenados, com esgotos de cada lado, transbordando uma sórdida massa de detritos, urina e excrementos, cada uma alimentando sua horda de ratos e de baratas, com nuvens de moscas e mosquitos. A água que saía das raras torneiras era, em geral, poluída. Nesses bairros imundos cresciam raízes de violência, sob todas as formas. Matava-se em Calcutá por um punhado de arroz. Com as carnificinas selvagens do Dia de Ação Direta, em agosto de 1946, a violência tomara nova dimensão, alimentada desta vez pelo fanatismo religiosos e racial que excitava as comunidades hindu e muçulmana. A partir daí, raro era o dia em que não havia assassinios entre as comunidades. Organizados em *gangs* políticas de *goondas* (vadios), armados de paus, navalhas, pistolas e perigosas garras de metal, chamadas unhas de tigre, que podiam arrancar olhos, as duas comunidades enfrentavam-se com crescente desconfiança.

Pouco depois das três da tarde de 13 de agosto, o homem que

queria fazer algo para aplacá-las chegou ao centro delas num velho Chevrolet de antes da guerra, caindo aos pedaços. Esperava-o uma multidão excitada, em camisetas e *dhotis* (panos cobrindo os rins). Eram todos hindus, e muitos deles tinham visto seus parentes serem assassinados, suas mulheres e filhas violadas por bandos muçulmanos no Dia de Ação Direta. Ao se aproximarem do carro, começaram a gritar pelo nome de Gandhi, mas pela primeira vez em três décadas, os hindus não aclamavam Mohandas Gandhi, mas sim vaiavam-no.

O carro parou e, lentamente, abriu-se uma das portas. Surgiu a figura familiar de Gandhi. Com os óculos a penderem do nariz, uma das mãos segurando a túnica, a outra erguida num gesto de paz, o débil homem de 77 anos caminhou sozinho, no meio da multidão ululante.

«Vocês querem me fazer mal», gritou Gandhi, «e porisso venho até junto de vocês.»

A estas palavras, a multidão silenciou de repente. «Vim aqui», prosseguiu ele, «para servir tanto os hindus como os muçulmanos.» Os líderes muçulmanos que eram acusados da morte de tantos hindus na região de Noakhali tinham-lhe prometido que nem um só hindu seria molestado ali, em 15 de agosto, se, por sua vez, Gandhi desse a garantia de que os muçulmanos de Calcutá seriam protegidos. Estava implícita em

sua tentativa a idéia de que, se sua intervenção junto dos hindus de Calcutá falhasse e eles se entregassem a uma onda de morticínios, seria à custa de sua própria vida. Na verdade, do mesmo modo que jejuaria até a morte se os muçulmanos faltassem à palavra no Norte, também estava disposto a jejuar até a morte se os hindus não escutassem sua mensagem em Calcutá.

Esta era a essência de sua estratégia de não-violência: um contrato entre as partes em conflito, servindo sua vida de penhor final pelo seu cumprimento.

O raciocínio de Gandhi intrigou e perturbou a multidão. Prometendo discutir detalhes com a delegação que formassem, Gandhi e seus discípulos começaram a encaminhar-se para Hydari House, outrora uma mansão luxuosa mas agora em ruínas.

O silêncio foi breve. Uma pedra atravessou uma das janelas, espalhando estilhaços pela sala onde se encontrava Gandhi. Seguiu-se uma chuva de pedras, despedaçando o resto dos vidros e caindo como gigantesca tempestade de granizo contra o danificado exterior.

Aparentemente imperturbável, Gandhi, com os ombros curvados, a cabeça inclinada, sentado de pernas cruzadas no centro da sala, respondia por escrito pacientemente a sua correspondência. No entanto, a vida de Gandhi havia atingido um ponto crucial. Nessa

tarde escaldante de agosto, a poucas horas do termo da longa marcha da Índia para a liberdade, uma multidão de compatriotas seus tinha-se virado pela primeira vez contra ele. Para Gandhi, para a Índia, para o mundo, o fragor das pedras contra as paredes de Hydari House, a fúria, inflamada pelo ódio, da multidão que as lançava eram os primeiros murmúrios do coro de uma tragédia grega.

Ao soar da meia-noite

MUITO ANTES que a memória do homem se transpuzesse da lenda para a pedra, o lamento do búzio nas costas da Índia tinha sido o arauto da madrugada. Agora, um homem envolto num *khadi* de algodão mantinha-se em sentido no ângulo de uma galeria que dava para a Assembléia Constituinte, repleta de gente, em Nova Delhi, aguardando o momento de anunciar nova madrugada para milhões de seres humanos. Preso à curva de seu braço, estava um búzio em espiral, cintilando, rosa e púrpura.

Abaixo, na tribuna do orador, encontrava-se Jawaharlal Nehru. Na lapela de seu casaco de algodão, via-se a flor que, salvo durante os nove anos passados nas prisões inglesas, havia sido sempre o distintivo de sua pessoa elegante: uma rosa acabada de colher. À sua volta, os retratos oficiais tinham sido retirados, e as molduras exibiam, nessa noite, bandeiras verdes, brancas e cor de açafrão.

Alinhados nos bancos repletos da Assembléia, virados na direção de Nehru, em *saris* e *khadi*, trajes principescos e de gala, encontravam-se os representantes da nação que ia nascer. O povo que eles representavam era um amálgama de raças e religiões, línguas e culturas, de uma diversidade e contraste sem par no mundo: 275 milhões de hindus (50 milhões dos quais, ou seja quase a população de França, *intocáveis*); perto de 45 milhões de muçulmanos; sete milhões de cristãos; seis milhões de siques; 100 mil parses; e 24 mil judeus, cujos antepassados tinham escapado à destruição do Templo de Salomão, durante o exílio na Babilônia.

A Índia abrigaria uma multidão de leprosos igual à população da Suíça; tantos brâmanes (sacerdotes) quantos habitantes tem a Bélgica; mendigos suficientes para povoar toda a Holanda; 11 milhões de *sadhus*, ou homens sagrados; 20 milhões de aborígenes. Mais de 10 milhões de indianos eram essencialmente nômades, dedicando-se a ocupações hereditárias tais como encantadores de serpentes, adivinhos, prestidigitadores, vedores, mágicos, equilibristas, herbanistas, ocupações essas que os faziam andar constantemente de aldeia em aldeia. Todos os dias nasciam 38 mil indianos, dos quais 25% morriam antes de atingirem cinco anos. Quase dez milhões de outros indianos, ou seja aproximadamente a população

de Portugal, morriam todos os anos por deficiências de nutrição, carências alimentares e doenças como a varíola e a cólera, que já tinham sido erradicadas na maior parte dos outros países.

O homem sobre cujos ombros mais pesariam agora estes fardos levantou-se para falar. Suas palavras foram de improviso, saídas do coração.

«Há muitos anos», disse ele, «marcamos encontro com o destino. Chegou agora o momento em que temos de cumprir nossa promessa, não por inteiro, em toda a extensão, mas em grande parte. Ao soar da meia-noite, enquanto o mundo dorme, a Índia despertará para a vida e a liberdade.*

Ao soar da meia-noite, propôs Nehru, todos se levantariam e se devotariam ao serviço da Índia e de seu povo. Lá fora, um trovão ecoou nos céus e uma chuva forte da monção caiu sobre os milhares de indianos que se comprimiam em volta do *hall*. Segurando suas bicicletas, com bonés brancos do Congresso e túnicas de algodão caseiro, em calças e camisas brancas, panos e roupas do dia-a-dia, mantinham-se silenciosos sob a chuva torrencial, com sua exuberância acalmada perante a solenidade do momento que se aproximava.

* A independência do Paquistão tinha sido celebrada nesse dia, algumas horas antes, na Assembléia Constituinte, em Carachi.

No *hall*, os ponteiros do relógio por cima da tribuna do orador cruzaram-se no numeral romano XII. De cabeça inclinada, os representantes estavam em silêncio esperando as badaladas da meia-noite.

Ao soar a décima segunda badalada, um som estridente ecoou pelo *hall*, vindo do homem que se encontrava na galeria. Para aqueles políticos indianos, o som do búzio anunciava o nascimento de sua nação. Para o mundo, representava o fim de uma era.

Com a jóia da coroa do Império Britânico retirada pelas mãos escuras dos asiáticos a quem pertencia, nenhum outro império colonial se poderia manter por muito mais tempo. Seus governantes poderiam ainda tentar deter a onda avassaladora da História, recorrendo à retórica e à força. Suas tentativas seriam vãs e sangrentas, desde aquele momento condenadas ao insucesso. Sem apelo, e em definitivo, a independência da Índia encerrava um capítulo na experiência da humanidade.

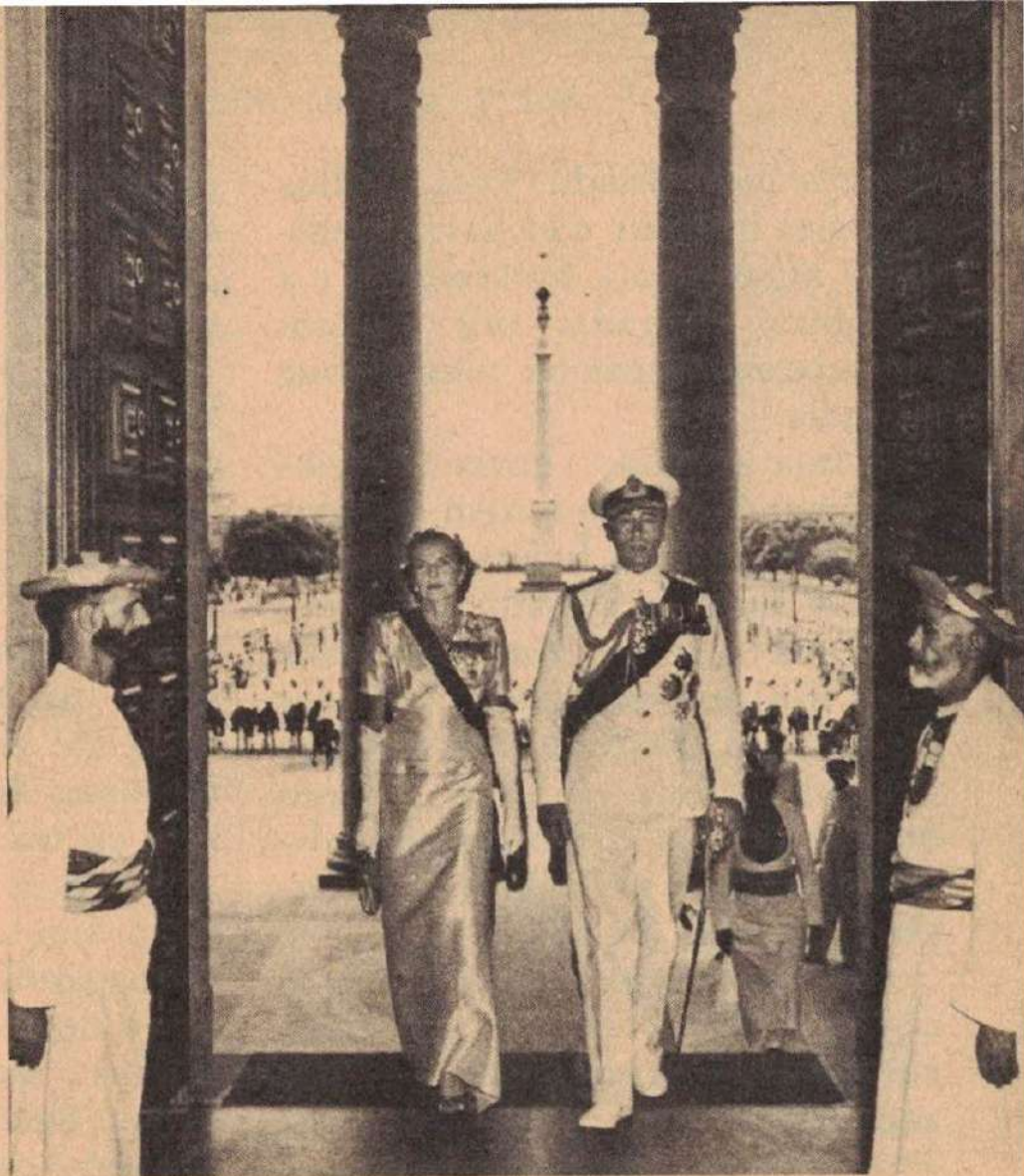
Espírito vingador

A CERIMÔNIA que estava se desenrolando num terreno baldio na cidade interior de Poona, a 192 quilômetros a sueste de Bombaim, era semelhante a milhares de outras que se realizavam a 15 de agosto de 1947 através dos novos domínios da Índia. Era o hastear da bandeira. Uma particularidade, no entanto, distinguia da maior

parte dos outros o breve ritual em Poona. A bandeira que subia lentamente no mastro improvisado, no meio de um grupo de 500 homens, não era a bandeira da Índia independente. Era um triângulo cor-de-laranja e nele se via um símbolo que, de forma ligeiramente diferente, tinha enchido a Europa de horror durante uma década: a suástica.

Esse velho símbolo figurava na flâmula cor-de-laranja em Poona pela mesma razão por que tinha sido colocado nas bandeiras do Terceiro Reich de Hitler: era um símbolo ariano, levado para a Índia, numa época perdida na noite dos tempos, pelas primeiras ondas de conquistadores arianos que dominaram o subcontinente. Os homens reunidos em seu redor em Poona pertenciam todos eles ao R. S. S. S., um movimento de tendência fascista que se considerava herdeiro daqueles remotos arianos.

Naquele Dia da Independência, eles partilhavam de uma emoção com o profeta de óculos, no flanco oposto do subcontinente. Também eles estavam desesperadamente amargurados com a divisão



Lord e Lady Mountbatten, vice-reis da Índia

da Índia. Acabava ali, no entanto, sua identificação com o Mahatma Gandhi e com aquilo que ele defendia.

O grupo que formavam alimentava um sonho histórico: reconstituir um grande império hindu, que se estenderia da nascente do rio Indo até a Birmânia oriental, desde o Tibete até o Cabo Comorim. Desprezavam Gandhi e toda a sua obra. Para eles, o herói nacional da Índia era o arquienimigo do hinduísmo. A doutrina de não-violência que tinha levado a Índia à independência era, a seu ver, uma filosofia de covardes que tinha corrompido o vigor e o espí-

rito do povo hindu. Nos sonhos daqueles homens não havia o mínimo lugar para a fraternidade e a tolerância pregadas por Gandhi em relação à minoria muçulmana da Índia.

Acima de tudo, havia um pecado que nunca poderiam perdoar ao velho líder da Índia. Que o tivessem mesmo acusado desse pecado era a ironia final, no mais cruel dos anos na vida de Mohandas Gandhi. Sustentavam eles que Gandhi, o único político indiano que até o fim se tinha oposto à divisão da Índia, era o único responsável por essa divisão.

O homem que nessa tarde se erguia à frente daquela multidão em Poona era um jornalista de 37 anos, Nathuram Vinayak Godse. «A vivisseção da Índia», clamava ele a seus partidários, era «uma calamidade, condenando milhões de hindus a sofrimentos horríveis.» Isto era, acrescentava ele, «obra do Partido do Congresso e, acima de tudo, de seu líder, Gandhi».

Quando acabou, Nathuram Godse deu o sinal à multidão de 500 homens para saudar sua bandeira. De polegares apertados contra o coração, as palmas da mão em ângulo reto com o peito,

juraram «à Pátria que me deu a luz do dia e na qual cresci, que meu corpo está pronto a morrer por ela».

Como sempre acontecia, Nathuram Godse sentiu um frêmito de orgulho perpassar-lhe à medida que pronunciava estas palavras. Toda a vida, desde os exames escolares até meia dúzia de profissões, Nathuram Godse tinha falhado em tudo quanto empreendera, até abraçar as doutrinas extremistas do R. S. S. S. Mergulhando nos ensinamentos e na literatura deste movimento, tinha-se tornado um de seus mais ardentes propagandistas.

Como todos os outros fanáticos hindus de Poona, Nathuram Godse tinha com freqüência proclamado que seria uma bênção se Gandhi, desaparecesse, à força, da cena política indiana. Agora no verão agitado de 1947, descobria para si um novo e místico papel. Tornar-se-ia uma espécie de espírito vingador, purificando a Índia, libertando-a daquele inimigo do hinduísmo militante. Nesse papel, pela primeira vez na vida, Nathuram Godse não iria falhar.

(FIM DA PRIMEIRA PARTE)

Não deixe de ler no próximo número de Seleções a continuação desta extraordinária narrativa e mais:

SUBORNO EM ALTA ESCALA

— uma análise crítica das práticas de aliciação monetárias exercidas pelas grandes companhias multinacionais

ESTA NOITE A LIBERDADE



Condensado do livro de
LARRY COLLINS E DOMINIQUE LAPIERRE

ESTA NOITE A LIBERDADE

LARRY COLLINS
E DOMINIQUE LAPIERRE



Tinha chegado para o Império Britânico das Índias o Dia da Independência. Surgiam agora, porém, duas nações: Índia e Paquistão. A feroz rivalidade religiosa entre hindus e muçulmanos continuava a infligir sofrimentos inconcebíveis a 410 milhões de pessoas. Nesta segunda parte de uma condensação do livro Freedom at Midnight, o último vice-rei, Louis Mountbatten, e o primeiro cidadão da Índia, Mohandas Gandhi, prosseguem seu prodigioso esforço pessoal para alcançar a paz entre todas as populações do pródigo subcontinente, esforço em que Gandhi iria sacrificar a vida.

O TOQUE vibrante de clarins cortou o ar da manhã. Com garbo de pompa vitoriana, os ingleses estavam celebrando o fim de seu reinado no subcontinente indiano. Ao soar da meia-noite de 14 de agosto de 1947, deixara

de existir esse grande edifício que fora a soberania britânica de muitos anos na Índia. Em seu lugar, erguiam-se duas novas nações independentes, a Índia e o Paquistão, uma largamente hindu, a outra predominantemente muçulmana.

Tinha agora início a primeira cerimônia oficial, o juramento do primeiro governador-geral do novo domínio da Índia. O homem que ia prestar juramento era um inglês, o mesmo que, como último vice-rei da Índia, tinha dirigido o desmantelamento de um império que fora concebido pelos seus fundadores para durar «para sempre».

Com solenidade, Lord Louis Mountbatten, bisneto da Rainha Vitória, avançou para o trono, o mesmo em que, a menos de cinco meses, se sentara pela primeira vez como vice-rei. Sua mulher, Edwina, seguia a seu lado, trajando um vestido de *lamé* prateado e tendo um diadema no cabelo castanho-ruivo. Alinhados à direita e à esquerda do estrado de mármore sob um dossel de veludo, estavam os novos dirigentes da Índia: Jawaharlal Nehru, com calças de algodão e jaqueta de linho; Vallabhbhai Patel, com seu *dothi* branco; todos os demais com seus pequenos barretes brancos do Congresso.

No exterior, começaram a ecoar através de Nova Delhi 31 salvas de canhão. À espera dos Mountbattens, ao fundo dos degraus cobertos de passadeira vermelha que do Durbar Hall davam para a rua, encontrava-se o coche dourado que, havia quase meio século, fora preparado para a visita real de Jorge V e da Rainha Mary à Índia. Em frente de seus seis cavalos baios, estava reunida toda a guarda

pessoal do governador-geral, de botas pretas luzidias, culotes brancos e túnicas brancas presas por cintos escarlates, bordados a ouro.

Inclinando a cabeça com aquele gesto lento e distinto com que a realeza se digna responder às massas, os Mountbattens, rigidamente eretos, passaram por uma fileira de soldados em continência e entraram pelos portões de ferro trabalhado da residência oficial. Lá fora, a Índia esperava.

Era uma Índia como nenhum inglês jamais a tinha visto, no decorrer de três séculos de história. Não se encontrava ali a multidão curiosa, vinda para assistir ao espetáculo deslumbrante da soberania britânica. Rejubilante, excitada, entusiasmaticamente incontida, a multidão comprimia-se em torno do cortejo, obrigando os cavalos da escolta a caminhar com passo vagaroso. Era uma vibrante massa em efervescência, fazendo desaparecer o escarlata e ouro na imensa onda de seres humanos que se aglomeravam.

A dez mil quilômetros das multidões exultantes de Nova Delhi, no coração dos planaltos escoceses, um automóvel oficial entrava no pátio do castelo de Balmoral. Seu ocupante foi imediatamente introduzido na sala onde Jorge VI aguardava. Com uma inclinação profunda, o Conde de Listowel, último secretário de Estado para a Índia, informou solenemente o rei de que estava feita a transferência de poderes para os indianos.

KEYSTONE PRESS AGENCY LTD.



No dia 15 de agosto de 1947, o novo domínio da Índia honrou Mountbatten fazendo-o governador-geral

Dois dias depois, um visitante, vindo de Nova Delhi, tocou a campainha da porta número dez da Downing Street, em Londres. Seu ocupante, o Primeiro-ministro Clement Attlee, tinha todos os motivos para sentir-se satisfeito nesse dia de agosto. A independência da Índia havia sido acompanhada de manifestações inequívocas de boa-vontade e amizade para com a Grã-Bretanha, a um ponto que ninguém teria julgado possível, seis meses antes. Comparando a atitude da Grã-Bretanha com a da Holanda na Indonésia e com a da França na Indochina, uma personalidade indiana tinha declarado: «Não podemos deixar

de admirar a coragem e a capacidade política do povo britânico.»

Mountbatten, porém, já tinha mandado a Londres seu secretário particular, George Abell, para prevenir a Attlee que não celebrasse o triunfo demasiado cedo nem muito ostensivamente. A consequência inevitável de se haver dividido a nação em dois países, previa Mountbatten, iria dar lugar à «mais horrível carnificina e confusão».

Imensa dor

SERIA um cataclismo sem precedentes. Durante seis horríveis semanas, um acesso assassino iria

apoderar-se do Norte da Índia. Não haveria refúgio para escapar a esse flagelo, nenhum recanto ficaria livre desse terrível vírus.

A tragédia explicava-se facilmente. A linha divisória tinha deixado cinco milhões de siques e hindus na metade do Pendjab atribuída ao Paquistão, e mais de cinco milhões de muçulmanos na metade atribuída à Índia. Excitados pela demagogia de seus líderes, os muçulmanos do Pendjab tinham-se convencido de que, de algum modo, iriam desaparecer do Paquistão, país dos puros, os prestamistas hindus, os mercadores e os *zamindars* (donos das terras). No entanto, lá estavam eles, após a independência, sempre prontos a cobrar seus juros, a manter suas lojas e a ocupar suas terras.

Enquanto isto, do outro lado da fronteira, militantes siques e hindus preparavam-se para expulsar os muçulmanos de seu meio. Assim, num paroxismo extremo, hindus, siques e muçulmanos voltavam-se uns contra os outros. A Índia foi sempre um país de dimensões descomunais, e os horrores no Pendjab não iriam desmentir esta velha tradição.

Os esgotos de Lahore ficaram literalmente vermelhos de sangue, e ruas inteiras de casas hindus foram consumidas pelas chamas, enquanto a polícia muçulmana e a tropa contemplavam impassíveis. Nas imediações de Amritsar, os setores muçulmanos não passavam de montões de tijolos e escom-

pros, de onde subiam nuvens de fumaça, em turbilhão, até o céu, com os abutres a vigiar de cima das paredes em ruínas.

Em Simla, a Sra. Fay Campbell-Johnson, esposa do adido de imprensa de Lord Mountbatten, ficou horrorizada diante do espetáculo que via da varanda do Cecil's



Sardar Vallabhbhai Patel

MARGARET BOURKE-WHITE / TIME-LIFE PICTURE AGENCY © TIME INC.

Hotel. Siques em bicicleta, brandindo espadas, iam e vinham a toda a velocidade pelo Mall, perseguindo muçulmanos em fuga, como caçadores atrás de raposas. Pedalavam em perseguição da vítima arfante e degolavam-na com um terrível golpe de espada.

Em Sheikhpura, cidade comercial ao norte de Lahore, toda a comunidade hindu e sique foi levada para um enorme armazém e ceifada a metralhadora pela polícia muçulmana e desertores do exército. Não houve sobreviventes.

Nas zonas muçulmanas, os hindus foram por vezes forçados a converter-se ao islamismo. Bagh Das, fazendeiro hindu de uma povoação a oeste de Lyallpur, foi conduzido com mais 300 hindus para uma mesquita que se erguia junto de um pequeno tanque numa aldeia vizinha. Lavaram-lhes os pés nesse tanque; depois, concentraram-nos na mesquita e obrigaram-nos a sentar no chão, com as pernas cruzadas. O *maulvi* leu então alguns versículos do Corão. «Agora», preveniu-os ele, «você podem escolher: tornarem-se muçulmanos e levarem vida feliz, ou morrerem.»

«Preferimos o primeiro», confessou Das. Cada um dos convertidos recebeu novo nome muçulmano e foi obrigado a recitar um versículo do Corão. Em seguida, reuniram-nos no pátio da mesquita, onde estavam assando uma vaca. Um por um, foram os hindus obrigados a comer um pedaço de carne. Das, que sempre fora vegetariano, «teve uma sensação de vômito», mas dominou-a porque, pensava ele, «serei morto se não obedecer».

A seu lado, um brâmane, a mais elevada casta hindu, pediu que o deixassem ir à sua cabana com a mulher e três filhos, para trazer os pratos e garfos do casamento, dada a solenidade do momento. Lisonjeados, os muçulmanos consentiram. «O brâmane tinha uma faca escondida em casa», recordava Das. «Quando ali chegou,

cortou a garganta da mulher e depois dos três filhos. Por fim, apunhalou-se no coração.»

Nosso povo enlouqueceu

EM BREVE, de um extremo ao outro do Pendjab, as pessoas fugiam aterrorizadas de casa, levando tudo quanto podiam, de avião, automóvel, bicicleta, trem, mula, carro de bois ou a pé, precipitando-se para onde houvesse um vislumbre de segurança. Isto provocaria um movimento de populações em escala jamais atingida.

Para centenas de milhares de pendjabis, a primeira reação, instintiva, foi correr para as estações ferroviárias, onde, em numerosas delas, o aparecimento de uma locomotiva iria provocar a mesma cena frenética. Como a proa de um barco cortando o mar alto, as máquinas abriam caminho através daquela massa de seres humanos que enchiam as plataformas, esmagando numa pasta de carne e sangue os infelizes que tombavam sobre os trilhos.

Num clamor de choros e gritos, a multidão se lançava frenética contra as portas e janelas dos vagões. Dezenas de pessoas lutavam também pelo corrimão de uma porta, pelos degraus, pelos engates. Quando já não havia corrimãos livres, centenas de refugiados ainda procuravam subir para o teto dos vagões, comprimindo-se ali em precário equilíbrio.



Indianos em fuga lutam por um lugar no trem que deixa o Pendjab

Em setembro, Jawaharlal Nehru e Liaquat Ali Khan, primeiros-ministros das novas nações da Índia e do Paquistão, visitaram o Pendjab. Passaram lado a lado, recolhidos em silêncio, por cenas de horror e miséria. Seus compatriotas, voltados para eles, deixavam transparecer todos os sentimentos, menos o de gratidão pelos benefícios da liberdade.

«Que desgraça nos trouxe esta partilha!» dizia Nehru a Liaquat. «Como isto pôde acontecer?»

«Nosso povo enlouqueceu», respondia Liaquat.

Nessa noite, Nehru não conseguiu dormir. Às duas e meia da

madrugada, foi acordar o seu ajudante-de-campo e pediu-lhe que contactasse Delhi pelo rádio para saber das ocorrências. Na ladainha de más notícias, só uma o consolou. Calcutá, a populosa cidade em Bengala Ocidental, se encontrava calma. Ali, Mohandas Gandhi, o velho líder, ainda estava operando um milagre.

A arma mais poderosa

«SE PORVENTURA se desencadeassem tumultos em Calcutá», lembraria um dia Mountbatten, «o sangue que teria corrido faria parecer um leito de rosas tudo o que

se passou no Pendjab.» Por isso, pedira a Gandhi que fosse lá. Talvez sua presença pudesse assegurar o que nenhuma força militar conseguiria.

A um século fértil de violência, Gandhi tinha oferecido sua doutrina de *ahimsa* (não-violência). Usou-a para mobilizar as massas da Índia a fim de obrigarem a Grã-Bretanha a sair do subcontinente por meio de uma cruzada moral em vez de uma rebelião armada, preces em vez de rajadas de metralhadora, silêncio desdenhoso em vez de bombas terroristas. Agora, em Calcutá, a insondável magia deste velhinho frágil e estranho estava envolvendo toda a cidade. Dia após dia, durante a terrível quinzena em que o Pendjab esteve a ferro e fogo, cresciam as multidões que assistiam às preces de Gandhi, todas as tardes, atingindo quase 700 mil pessoas, e transformando a caótica metrópole num oásis de paz.

Esse milagre prolongou-se por quinze dias, até que, a 31 de agosto, tudo se desmoronou. Às dez horas daquela noite, uma manifestação de jovens fanáticos hindus irrompeu pelo pátio da Hydari House, onde Gandhi estava residindo. Trazendo um jovem meio desfalecido e envolto em ataduras, que, segundo eles, fora agredido por muçulmanos, o grupo começou a gritar *slogans* e a apedrejar a casa. Por fim, penetrou no interior da residência. Gandhi, que estava adormecido, levantou-se para en-

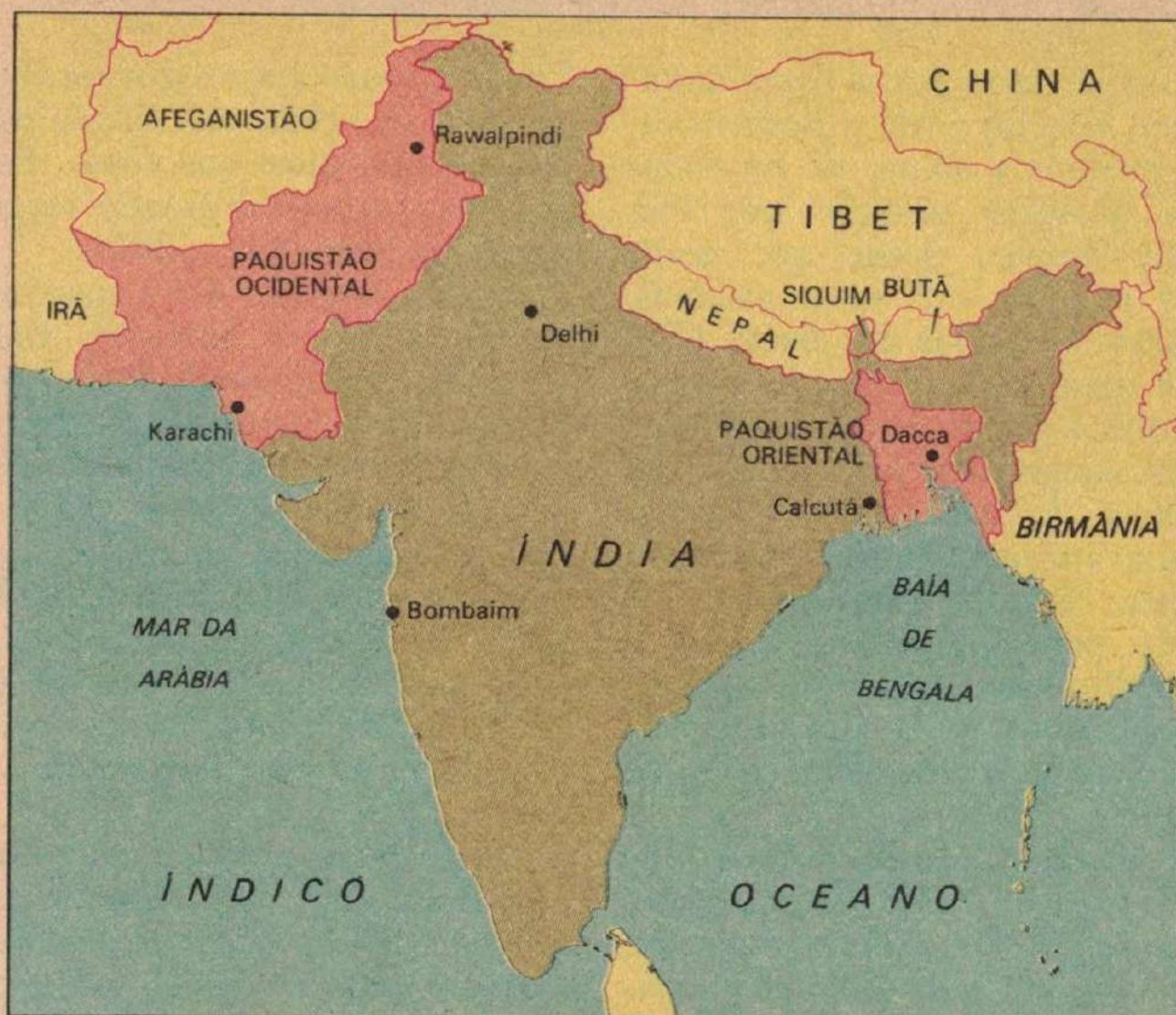
frentá-los. «Que loucura é essa?» perguntou. «Estou aqui, se me quiserem fazer mal.»

Suas palavras perderam-se no tumulto. Um muçulmano, espancado e sangrando, correu para se abrigar detrás de Gandhi. Vindo da multidão, um cantil riscou o ar, em direção a eles, passando a centímetros da cabeça do Mahatma.

Minutos depois, chegou a polícia e restabeleceu a ordem. No dia seguinte, porém, pouco depois do meio-dia, foi lançada uma onda conjunta de ataques contra certos bairros pobres muçulmanos. Gandhi ficou tão desgostoso que recusou a refeição da noite. Após curto passeio, sentou-se na esteira e redigiu uma proclamação pública. Para restabelecer a ordem em Calcutá, estava disposto, aos 77 anos, a jejuar até a morte.

Nas mãos de Gandhi, o jejum havia-se tornado a arma mais poderosa até então utilizada por um povo desarmado e subdesenvolvido. O jejum fazia parte de sua imagem pública, assim como seu bastão de bambu, seu *dhoti* e sua cabeça calva. Aquela nação, com 85% de analfabetos nem sequer alcançados pelo rádio, conseguia ainda acompanhar de certa maneira cada uma das lentas crucificações de Gandhi, vibrando em rara e instintiva unidade.

Em poucas horas, a notícia de sua decisão espalhou-se por Calcutá, mas a onda de violência, já em andamento, não podia ser dominada em um dia. Incêndios, pi-



Índia e Paquistão depois da separação. O território indicado como Paquistão Oriental é hoje o Estado independente de Bangladesh

lhagem e morte continuaram a flagelar a cidade. Sentado em sua esteira, o próprio Gandhi podia ouvir sinistros ruídos, a anunciar ainda mais mortes: o eco distante do tiroteio.

Ao entardecer do segundo dia de jejum, contudo, um som novo começava a misturar-se ao crepitar das balas: era o cântico de preces pela paz, entoado por grupos, em número crescente, que acorriam à Hydari House.

Na madrugada do terceiro dia, a voz de Gandhi não passava de um murmúrio. Sua pulsação estava a

tal ponto fraca que a morte parecia iminente. Entretanto, à medida que a vida se escoava de seu corpo gasto, estendia-se pela cidade uma onda de fraternidade e amor. Cortejos mistos de hindus e muçulmanos invadiam os bairros miseráveis onde haviam ocorrido os piores tumultos, para restabelecer a ordem e a calma. A prova mais extraordinária de que se dera, de fato, uma mudança de sentimentos surgiu nessa tarde, quando um bando de malfetores, responsável por vários assassinios selvagens, se apresentou perante Gandhi.

Um de seus porta-vozes anunciou a Gandhi: «Meus homens estão prontos a aceitar de boa vontade qualquer punição que lhes quiser impor, desde que acabe com o jejum.» A estas palavras, abriram as dobras dos *dhotis*. Caiu uma quantidade de facas, adagas, pistolas e garras de tigre, algumas ainda enegrecidas pelo sangue das vítimas. À medida que as armas ressoavam no chão por trás de sua esteira, Gandhi murmurava: «A única punição que lhes dou é pedir-lhes que voltem aos bairros muçulmanos onde andaram destruindo e agora lhes ofereçam proteção.»

Por fim, às 9:15 da noite de 4 de setembro, 73 horas após o início do jejum, Gandhi pôs termo a ele, tomando um pouco de suco de laranja. Imediatamente antes, havia lançado de sua esteira uma advertência aos líderes hindus, siques e muçulmanos.

«Calcutá», disse Gandhi, «detém a chave da paz na Índia. Mesmo se todo o resto do país entrar em conflagração, vocês devem fazer com que Calcutá fique fora da contenda.»

Assim aconteceria. Desta vez, «o milagre de Calcutá» iria durar.

Pedido inacreditável

A INDEPENDÊNCIA tinha tirado um fardo esmagador de cima dos ombros de Louis Mountbatten. Este ficou muito impressionado com a violência que sacudiu o

Pendjab, mas como governador-geral já não tinha autoridade para fazer o que quer que fosse. Essa enorme responsabilidade estava agora na mão dos indianos.

Assim, para não dar a aparência de interferir na situação, tinha saído discretamente de Delhi para o retiro de verão da agora extinta soberania britânica: Simla. A tempestade crescia sobre as planícies que se estendiam em redor, mas nessa estranha e fascinante cidadezinha os asfódelos e os rododendros estavam em flor, e os cumes do Himalaia, cobertos de neve, cintilavam no céu claro do fim de verão.

Nessa ocasião, a 4 de setembro, o telefone de Mountbatten tocou, e V. P. Menon, brilhante alto funcionário indiano, fez-lhe um apelo urgente. «Excelência», pediu Menon, «volte para Delhi.» Informou-lhe que tinham surgido distúrbios na cidade.

Durante muitos anos, os detalhes da conversa que a seguir se desenrolou no gabinete de Mountbatten em Nova Delhi, na tarde de 5 de setembro de 1947, foram um dos segredos mais rigorosamente guardados da vida do último vice-rei. Só três pessoas estavam presentes: Mountbatten, Nehru e Patel. Os dois líderes indianos se mostravam sombrios, visivelmente deprimidos. Pareciam ao governador-geral «dois colegiais de castigo».

«Não temos experiência», explicou Nehru. «Passamos em vossas

prisões inglesas os melhores anos de nossas vidas. Nossa experiência limita-se à arte da agitação, não da administração. Temos dificuldade em fazer funcionar um governo bem organizado, em circunstâncias normais. Não estamos preparados para enfrentar um colapso total da lei e da ordem.»

Nehru fez então um pedido quase inacreditável. O fato de ele, ativo indiano que havia devotado a vida à luta pela independência, exprimir tal pedido bem demonstrava sua grandeza moral e a gravidade da situação.

«O senhor é um profissional, um governante de alta envergadura», continuou ele. «Estamos numa situação de emergência e necessitamos de auxílio. Quer governar o país?»

Quando teve conhecimento disso, Mountbatten ficou surpreso. «Se alguém souber que vocês querem devolver o país às minhas mãos, vocês estarão politicamente perdidos. Os indianos reconduzindo o vice-rei inglês no poder? Impossível.»

«Bem», respondeu Nehru, «teremos de arranjar um modo de encobrir a verdade, mas, se o senhor não aceitar, não sabemos o que fazer.»

Mountbatten refletiu por um momento. Gostava de enfrentar situações difíceis, e esta era uma boa ocasião. Sua estima pessoal por Nehru, sua afeição pela Índia, seu senso de responsabilidade não lhe deixavam alternativa.

«Farei o que desejam», anuiu, «mas ninguém deve saber que me fizeram este pedido. Vocês dois vão pedir-me para criar um Comitê Governamental de Emergência, e eu aceitarei. Querem assim?»

Patel e Nehru concordaram.

«Muito bem», afirmou Mountbatten, «vocês assim o desejam. Querem agora convidar-me a tomar a presidência?»

«Queremos», responderam os dois, já fascinados pelo ritmo com que Mountbatten estava avançando. «Nós o convidamos.»

«O Comitê de Emergência», continuou Mountbatten, «deve ser composto de gente nomeada por mim. Eu quero pessoal com funções de responsabilidade, que realmente tenha ação, como o Chefe de Polícia, o Diretor da Aviação Civil, o Diretor das Ferrovias, o Chefe dos Serviços de Saúde da Índia. Minha esposa se encarregará das organizações de voluntários e da Cruz Vermelha. Querem convidar-me a empreender tudo isto?»

«Sim, queremos», responderam Nehru e Patel. «Nós o convidamos.»

«Nas reuniões», prosseguiu Mountbatten, «sempre lhes pedirei opinião, mas, seja o que for que eu diga, não devem argumentar comigo. Não temos tempo para isso. Eu direi: 'Estou certo que querem que eu faça isto.' Vocês responderão: 'Sim, estamos de acordo.' É tudo o que desejo. Não quero que digam mais nada.»

«Bem, acho que podíamos...» — começou Patel a protestar.

«Não, se isso for atrasar o andamento das coisas», respondeu Mountbatten. «Querem que eu governe o país ou não?»

«Está bem», resmungou Patel, «o senhor governará o país.»

No decorrer dos 15 minutos que se seguiram, elaboraram os três a lista dos membros do Comitê de Emergência. A primeira reunião efetuou-se no dia imediato, às cinco da tarde.

Após três décadas de lutas, de anos de greves e de movimentos de massa e, acima de tudo, após três semanas de independência, a Índia estava uma vez mais sendo governada por um inglês.

Herança amarga

A AÇÃO do Comitê de Emergência começou a sentir-se. Com o reforço da guarnição militar em Delhi, impôs-se um recolher obrigatório por 24 horas e levou-se a cabo uma série de buscas para recolher armas. Lentamente, começou a baixar a maré de violência.

À exceção de Gandhi, nenhum dos líderes políticos de Delhi conhecia tão bem os internados nos campos de refugiados e era por eles tão acatado quanto aquela inglesa de cabelos castanho-ruivos, num uniforme bastante severo. Da mesma maneira que as semanas que haviam precedido a divisão da Índia tinham, em certo sentido, pertencido a seu marido, assim as

semanas de provação pertenciam agora a Edwina Mountbatten. Conduziu-se com uma autodisciplina que nem mesmo seu marido podia ultrapassar.

Andava o dia inteiro de um campo para outro, de hospital para hospital, inquirindo, estudando, corrigindo. Suas visitas não eram puramente formais. Ela sabia quantas bicas por mil internados devia ter um campo, como assegurar-se todos tinham sido vacinados, como organizar medidas de higiene e saneamento. Nenhum aspecto era demasiado repugnante, nenhuma cabana demasiado suja, nenhuma tarefa humilhante, nenhum indiano demasiado doente que não merecesse seu cuidado. O ajudante-de-campo de seu marido sempre se lembraria das vezes que a viu agachada, na lama, junto de homens que morriam de cólera, uma das mortes mais assustadoras, a lhes afagar calmamente a testa em febre, em seus últimos instantes de vida.

O Comitê de Emergência, que Nehru chamaria «a melhor lição de administração que um novo governo já recebeu», começou a dominar a situação no Pendjab. Os milhões de refugiados desconcertavam, mas a violência que tinha provocado sua fuga começou a diminuir. O abrandamento foi assinalado em linhas lacônicas num relatório enviado ao Comitê de Emergência:

«A prática de atirar muçulmanos pelas janelas dos trens», assina-

lava em certo trecho esse mesmo relatório, «está em declínio.»

Ninguém saberá jamais quantos perderam a vida durante esses meses no Pendjab, no verão e outono de 1957. As circunstâncias eram tão caóticas que se tornava impossível fazer qualquer idéia exata. Sir Chandulal Trivedi, primeiro governador da Índia no Pendjab oriental e o funcionário mais ligado aos acontecimentos na província, calculou os mortos em 225 mil.

O número de refugiados, pelo menos, seria conhecido. Todo o outono e pelo inverno adentro, continuariam a passar, 500 mil numa semana, 750 mil na outra, até atingirem um total de dez milhões e meio.

Eles tinham pago o preço da libertação de um sexto da humanidade, e tal preço iria deixar sua marca amarga por anos a seguir. Nesse outono, encontrou sua expressão mais estranha num grito de raiva e de frustração, lançado a um funcionário britânico por um grupo amargurado de refugiados morrendo à míngua num campo do Pendjab: «Tragam-nos de novo a soberania britânica!»

O homem mais infeliz

AINDA enfraquecido pelo esforço do jejum, Gandhi chegou a Delhi a 9 de setembro, vindo de Calcutá. Nunca o Mahatma se devotara tanto aos ideais pelos quais vivera como neste triste crepú-

culo de sua existência. Sempre se opusera à divisão da Índia e à criação do Paquistão, e tinha previsto a «orgia de sangue» que daí resultaria. No entanto, diante do cataclismo que havia renunciado, manteve-se fiel aos princípios que sempre o tinham animado: amor, não-violência, confiança no bem de toda a humanidade.

Contudo, pregar amor e não-violência às massas da Índia como meio de se oporem a seus dominadores britânicos era uma coisa; pregar amor e perdão a homens que tinham assistido ao massacre de seus filhos e à violação de suas mulheres, a mulheres que tinham visto a degola de seus familiares, era outra coisa. As palavras de Gandhi eram uma mensagem para santos, e naquele outono poucos santos havia nos campos de refugiados da Índia.

Nada enraivecia tanto os hindus naquele verão e outono como a solicitude de Gandhi para com suas vítimas muçulmanas. O «milagre» de Calcutá tinha trazido a este homem a gratidão de muitos muçulmanos indianos, mas levantou também contra ele o rancor de muitos hindus.

Em suas preces, Gandhi sempre mesclava cânticos cristãos e hindus, passagens do Corão e do Novo e Antigo Testamentos com as do Gita e, não obstante a tensão, ainda lia o Corão durante suas cerimônias religiosas em Delhi.

Certa tarde, de súbito, ouviu-se uma voz furiosa entre a assistên-

cia: «Nossas mães e irmãs foram violadas, nossa gente assassinada, ao som desses versículos.»

«*Gandhi Murdabad!*» («Morra Gandhi!») gritou outra voz.

No dia 2 de outubro, a Índia independente, e o mundo com ela, celebravam os 78 anos de Gandhi. Milhares de telegramas, cartas e mensagens traziam ao Mahatma a homenagem afetuosa de seu povo e de amigos espalhados pelo mundo. Não havia, porém, ambiente de festa na habitação de Gandhi. Todos os visitantes ficavam impressionados pela debilidade física do líder da Índia, alquebrado, e, acima de tudo, pelo profundo ar de melancolia que envolvia seu espírito, habitualmente alegre.

Com o passar das semanas aumentava sua depressão. A seu dedicado secretário, que o tinha servido durante anos, Gandhi parecia, em meados de dezembro de 1947, «o homem mais triste que se possa imaginar».

«Se a não-violência já não serve para a Índia», queixava-se Gandhi, «pode ela servir para mim?» Não ficaria surpreendido, observava, se os líderes da Índia exclamassem um dia: «Estamos fartos deste velho. Por que não nos deixa ele em paz?»

O que mais o amargurava era ver que só um largo contingente de tropa e polícia evitava que em Delhi se desencadeasse outra orgia de violência. Atormentava-o a idéia de que a paz na capital da Índia

assentasse unicamente na força das armas e não na sua querida «força da alma». Cada vez mais se entregava a esses silêncios contemplativos que precediam sempre uma decisão importante de sua parte. A 12 de janeiro de 1948, teve outro encontro com Lord Mountbatten.

Apesar da mágoa que a divisão da Índia lhe causara, nunca havia deixado de aumentar a estima pessoal de Gandhi pelo inglês que tinha achado seu dever impô-la ao país. Na verdade, durante os últimos meses, todos os esforços de Mountbatten tinham sido dedicados àquilo que, aos olhos de Gandhi, era o mais honroso dos objetivos: evitar uma guerra entre a Índia e o Paquistão por causa do estado de Caxemira. Mountbatten também se havia oposto à decisão da Índia de reter a parte que cabia ao Paquistão nas reservas monetárias que tinham sido divididas proporcionalmente após a separação dos dois países. A importância (cerca de 550 milhões de rupias) pertencia ao Paquistão, pensava ele, e recusar pagá-las era quase uma apropriação indébita.

Então, com voz débil, Gandhi revelou a decisão que havia tomado. Esperava que Mountbatten não ficasse irritado, mas tinha decidido jejuar até a morte ou até «todas as comunidades de Delhi se congregarem na harmonia».

«Por que deveria irritar-me?» se perguntou Mountbatten. «Penso que é a ação mais generosa e mais

bela que se pode empreender. Admiro-o imensamente e, além do mais, penso que terá bom êxito onde todos os outros falharam.»

A conversa mudou para a recusa da Índia em pagar ao Paquistão o que lhe era devido. Mountbatten disse a Gandhi que isso era «insen-

COLEÇÃO DOS AUTORES



Nathuram Godse, assassino de Gandhi, era um hindu fanático que desaprovava a idéia do Mahatma de dividir a Índia e achava que a não-violência «deixava os hindus indefesos perante seus inimigos»

sato e impróprio de homens de Estado». Gandhi levantou-se. Sim, concordou que era um ato desonroso. Portanto, iria jejuar não apenas pela paz em Delhi, mas também pela honra da Índia, esperando que seu jejum levasse a nação indiana a pagar a dívida ao Paquistão.

Na cidade de Poona, quase a 1.700 quilômetros da capital da Índia, no edifício caiado de branco em que, apenas dez semanas antes, tinham sido inauguradas as novas

instalações de seu jornal *Hindu Rashtra* (Nação Hindu), dois homens estavam petrificados diante do telex. A fita com boletins urgentes daquele meio-dia de 13 de janeiro de 1948 iria modificar definitivamente os destinos do editor, Nathuram Vinayak Godse, e do gerente, Narayan Apte. Ambos pertenciam ao R. S. S. S., movimento de tendência fascista que acalentava o sonho histórico de reconstituir um grande império hindu. Nesse sonho não havia lugar para a fraternidade e a tolerância, pregadas por Gandhi, para com a minoria muçulmana da Índia.

Os boletins de notícias anunciavam o início do jejum de Gandhi e as condições que ele impusera para interrompê-lo. Uma dessas condições catalisou as emoções virulentas daqueles dois homens: era a exigência de Gandhi para que fosse paga a quantia de 550 milhões de rupias ao Paquistão.

Nathuram Godse empalideceu. Como todos os outros fanáticos hindus de Poona, Nathuram tinha com freqüência proclamado que seria uma bênção se Gandhi fosse removido à força do cenário político indiano. Ainda recentemente havia acentuado: «Gandhi disse que a Índia seria dividida sobre seu cadáver. A Índia está dividida, mas Gandhi continua vivo.» Voltou-se para Apte. Todas as energias destes dois homens, todos os seus meios de ação iriam concentrar-se num objetivo supremo: «Temos de matar Gandhi», concluiu Godse.

Plano de morte

DUROU cinco dias o jejum iniciado por Gandhi a 13 de janeiro. A princípio, e pela primeira vez, esse jejum despertou o ressentimento de certo número de seus compatriotas, e nas manifestações ouvia-se um *slogan* estranho: «Deixem Gandhi morrer!»

No terceiro dia, porém, Gandhi já não tinha forças para andar, nem mesmo para estar de pé sem apoio, e os sentimentos da Índia mudaram. A nação começou a ficar em suspenso perante a luta de um homem com sua consciência, e se formaram comitês para salvar a vida de Gandhi. Em Delhi, surgiram multidões que cantavam, vindas de cada bairro, de cada bazar. Lojas, armazéns, escolas e universidades fechavam as suas portas, e hindus, siques e muçulmanos marchavam pela capital, de braços dados, pedindo a Gandhi para quebrar seu jejum.

Por fim, tal como no passado, o governo acedeu às exigências de Gandhi, e às 12:45 do dia 18 de janeiro este tomava um pouco de suco de laranja reforçado com glicose. Era o primeiro alimento em 121 horas.

Cerca de sete horas depois, tomava sua primeira refeição: um pouco de leite de cabra e quatro laranjas. Quando acabou, pediu o instrumento primitivo que simbolizava seu apelo ao povo para que adotasse uma vida simples, aldeã e não industrial: a roda de fiar. Os

argumentos de seus médicos não puderam detê-lo. Com a força a voltar-lhe ao corpo, seus dedos trêmulos puseram a roda em movimento.

«Pão obtido sem trabalho é pão roubado», murmurava Gandhi. «Comecei agora a alimentar-me; tenho, portanto, de trabalhar.»

Embora ainda fraco, insistiu no dia 19 para ser levado numa cadeira ao lugar de suas preces vespertinas, nos gramados detrás da Birla House. Conduzido nos ombros de seus discípulos, passou através da multidão como um potentado oriental, de mãos postas, a cabeça inclinada na saudação *namaste* a toda aquela gente.

Nem todos os olhares presentes, porém, o observavam com respeito e veneração. Estavam então em Delhi seis potenciais assassinos. De Poona, tinham vindo os dois chefes da conspiração, Nathuram Godse e Narayan Apte, trazendo consigo Gopal, irmão mais novo de Nathuram, e um homem chamado Digambar Badge. Este último não era propriamente um fanático hindu, mas sim um mercador que vendia armas. Seu conhecimento neste campo tinha-o tornado indispensável. Foi ele quem forneceu a maior parte das munições necessárias, incluindo o único revólver que pôde descobrir, uma arma de pouca confiança que, como Apte confessou a Godse, tanto lhes podia explodir nas mãos como matar Gandhi. Dois outros conspiradores se jun-

taram a estes homens: o dono de um albergue, Vishnu Karkare, e um refugiado hindu provindo do Pendjab ocidental, Madanlal Pahwa. Eram ambos ardentes antimuçulmanos e estavam exasperados com a divisão da Índia.

Três destes homens assistiram às preces públicas a 19 de janeiro. Logo a seguir, Apte tomou uma decisão. Suas observações em Birla House tinham-no convencido de que havia apenas um momento em que podiam estar seguros de que Gandhi estaria exposto e vulnerável. Iriam matá-lo na noite seguinte, no decorrer dessa cerimônia, e fielmente observada pelo Mahatma — nas preces públicas.

Na manhã imediata, Apte e Badge procederam ao reconhecimento de Birla. Inteiramente à vontade, entraram pelo portão traseiro até um pequeno pátio, ao lado do qual se erguia uma construção de um só piso, dividida em compartimentos parecidos com celas. Aí se alojavam os criados da propriedade. A parte traseira da construção formava a parede do pavilhão em frente do qual Gandhi fazia suas preces da noite.

Ao observar o pavilhão, Apte sentiu-se regelar subitamente. Na parede, estava disposta uma série de pequenas grades que davam para o local das preces. Não havia dúvida de que eram janelas abertas nas acomodações dos criados, por detrás do pavilhão. Uma delas estava precisamente detrás do mi-

crofone pelo qual Gandhi se dirigia aos seus fiéis na prece noturna.

Tudo quanto tinham a fazer era colocar Badge no compartimento por detrás dessa janela. Para dar o golpe de misericórdia, Apte mandaria também Gopal Godse ficar no quarto, a fim de atirar uma granada de mão através da grade de ferro da janela, no momento em que Badge abrisse fogo.

De regresso ao quarto n.º 40 do Hotel Marina, Apte acrescentou dois outros requintes: Madanlal Pahwa esconderia uma bomba-relógio no ângulo do muro de tijolos que circundava o jardim da Birla House, próximo do local das preces. Essa explosão seria o começo da ação e lançaria uma onda de pânico, para encobrir o verdadeiro assassinio. A fim de ter certeza absoluta de que a vítima não escaparia, Karkare, com uma granada, ficaria em frente a Gandhi, misturado aos fiéis. Lançaria a granada contra Gandhi no momento em que explodisse a bomba de Pahwa. Apte e Nathuram Godse, por sua vez, não levariam armas e atuariam como sinaleiros.

«Que melhor morte?»

MADANLAL, Karkare e Nathuram Godse foram os primeiros a deixar o quarto do hotel, um a um, com intervalos de cinco minutos. Dez minutos depois, Apte e os outros seguiram de táxi.

Quando Apte chegou nos fundos da Birla House, Karkare

disse-lhe que a bomba de Pahwa estava pronta e posta no lugar. Além disso, não haveria dificuldades em entrar no pequeno quarto cuja janela dava para a nuca de Gandhi. Para utilizar a cela, Karkare tinha dado dez rupias ao homem que ali vivia. Apontou para ele.

Apte fez sinal a Badge, indicou o homem a quem Karkare havia pago, e disse-lhe que entrasse no quarto. Badge deu meia dúzia de passos em direção à porta e parou. O ocupante do quarto era zarolho. Em todos os mitos e presságios da antiga Índia, não havia pior augúrio do que esse. A tremer, Badge voltou para junto de Apte. «Só tem um olho», murmurou. «Não entro naquele quarto.»

Apte compreendeu que já não havia tempo para argumentar. Disse a Gopal Godse que fosse ele para o quarto como tinha sido planejado e atirasse a granada através da janela quando ouvisse a explosão de Pahwa. Ao entrar no quarto, contudo, Gopal Godse descobriu, com terror, a primeira grande falha do plano de Apte. Este não se tinha dado ao trabalho de entrar na cela, no decorrer da inspeção matinal. A grade por onde Gopal deveria lançar a granada ficava a dois metros e meio acima do chão. Mesmo com os braços estendidos, mal conseguia tocar com os dedos a base da grade. Em desespero, tateou no escuro à procura de qualquer coisa onde pudesse subir.

No exterior, tudo estava preparado. Nathuram Godse pôs a mão no queixo e o coçou. Apte viu-o. Levantou, por sua vez, o braço para Pahwa. O pendjabi estava pronto. Calma e deliberadamente, chupou o cigarro. Em seguida, inclinou-se e, com a brasa do cigarro, ateou o estopim da bomba, que estava a seus pés.

O estampido espalhou-se sobre o recinto das preces com fúria assustadora, e uma coluna de fumaça ergueu-se do lugar onde a bomba explodira. «Oh, mãe!» suspirou o médico de Gandhi.

«Que melhor morte podíamos desejar», exclamou Gandhi, «do que morrer em oração?»

Karkare começou a tirar sua granada. À medida que o fazia, olhava para a grade, por trás da cabeça de Gandhi, para ver se via o brilho de uma pistola ou a forma escura de uma granada a cair. Nada! Karkare sentia-se regelar.

Gopal Godse não iria fazê-lo. Que os outros agissem, pensava. Ele é que não estava disposto a lançar a granada sem saber quem iria matar. Precipitou-se através da escuridão da cela, a caminho da porta.

A mãe de uma criança de três anos que brincava atrás do muro de tijolos tinha visto Pahwa acender a bomba e afastar-se. Apon-tava-o agora a um oficial da Força Aérea. «É ele! É ele!» gritava.

Poucos minutos depois, Karkare viu a polícia levar Pahwa ao longo da calçada paralela a um dos lados

do jardim, para uma tenda que tinham instalado em frente da mansão. Perdeu o resto da coragem que ainda lhe restara. Abandonou a granada. Só tinha um pensamento: fugir.

No palanque, Gandhi havia restabelecido a ordem com seu exemplo decidido e calmo. Depois, sorrindo feliz, em completa ignorância de que só tinha escapado por milagre, foi posto de novo na cadeia e levado em triunfo de seu local de preces.

A 24 de janeiro, a polícia de Delhi tinha uma confissão completa de Madanlal Pahwa. Embora não soubesse muitas coisas sobre a verdadeira identidade de seus cúmplices, Pahwa indicou o nome do jornal onde trabalhavam os chefes do atentado. Mais importante ainda, indicou onde era publicado: Poona. Seria extremamente fácil identificar seu proprietário e editor. O chefe da polícia de Delhi, D. J. Sanjevi, teria apenas de consultar um pequeno anuário dos jornais da província de Bombaim. Uma de suas páginas continha os seguintes elementos: *Hindu Rashtra*. Editor: N. V. Godse. Gerente: N. D. Apte.

A prova cabal, concludente, de que o homem que a polícia procurava era N. V. Godse foi depositada nas mãos da polícia de Delhi no mesmo dia em que Pahwa fez sua confissão. Tratava-se de uma pilha de roupa deixada pelos hóspedes do quarto n.º 40 no Hotel Marina, quando de sua apressada

retirada a 20 de janeiro. As peças de roupa entregues à polícia pelo encarregado da lavanderia continham todas elas a mesma marca: as iniciais N. V. G. No entanto, desde o momento em que se encarregara das investigações, D. J. Sanjevi mostrava em sua atividade uma intrigante falta de zelo. Ninguém da polícia de Delhi tinha tomado a iniciativa elementar de consultar a lista de jornais da Província de Bombaim, onde teria encontrado o nome de Godse. Pior ainda, nenhum esforço se fez para entrar em contato com a polícia de Poona e lhe solicitar a identificação completa do editor do *Hindu Rashtra*. Se alguma certeza absoluta orientava os atos de Sanjevi, era a de que os assassinos nunca teriam a coragem de atacar novamente. Porém, estava enganado.

«Meu Deus!»

NATHURAM GODSE e seu companheiro Apte tinham fugido para um subúrbio de Bombaim, e daí marcaram um encontro secreto com Gopal Godse e Karkare.

«Falhamos em Delhi», declarou Nathuram Godse, «porque havia gente demais no atentado.» Só havia uma forma de matar Gandhi. «Isso deve ser feito por um só homem, quaisquer que sejam os riscos.»

Gopal olhou para seu irmão. Parecia transformado. Nathuram, que estava pálido e trêmulo em Delhi e quase impossibilitado de

andar por causa da dor de cabeça, deixava agora transparecer um ar de tranqüilidade como nunca Gopal tinha visto. Mesmo o buliçoso Apte, que habitualmente orientava as coisas, parecia escutá-lo com acatamento.

Nathuram prometeu liquidar Gandhi o mais breve possível. Queria dois ajudantes. Apte iria consigo. Convidou Karkare para ir também. Juntos, formariam um novo *trimurti*, um trio de vingança. Karkare concordou, e Nathuram Godse recomendou-lhe que fosse para Delhi quanto antes. Nathuram e Apte, entretanto, concentrariam todas as energias para descobrir uma pistola de absoluta confiança, que se pudesse facilmente esconder. Desta vez, não poderia haver margem de erro, e conseguiram o que pretendiam. De um médico em Gwalior, cuja dedicação ao extremo hinduísmo só era ultrapassada pelo fanatismo destes homens, conseguiram eles uma pistola automática Beretta, preta, com 20 balas.

Finalmente, com esta arma assassina nas mãos, os acontecimentos iam agora encaminhar os três homens para seu ato inevitável, com irresistível rapidez. O único elemento do trio que não foi executado, Vishnu Karkare, lembraria:

«Tínhamos de acertar um plano. Imaginamos que, após a bomba do dia 20, a Birla House seria fortemente guardada e que nos seria difícil entrar. Provavelmente da-

fiam buscas a quem fosse às preces, para ver se encontravam armas, e sabíamos portanto que tínhamos de encontrar um modo seguro de entrar com a pistola.

«Nathuram Godse sugeriu uma idéia: compraríamos uma dessas câmaras de fotógrafo ambulante e esconderíamos a pistola no interior do fole.

«Todos de acordo, descemos à rua à procura de um fotógrafo que nos quisesse vender sua câmara. Encontramos realmente um, mas, depois de termos examinado o aparelho durante algum tempo, Apte concluiu que era má idéia utilizá-lo.

«Gastamos a maior parte da manhã com más idéias. Tínhamos apenas seis horas diante de nós antes do momento de matar, e estávamos ainda sem um plano. Por fim, Apte disse: 'Bem, Nathuram, por vezes as coisas mais simples são as melhores.' Explicou que devíamos vestir Nathuram com uma espécie de uniforme militar acinzentado, muito em voga nessa ocasião. Tinha uma camisa de fora, que descia pela cintura abaixo e que podia encobrir a pistola. Um tanto em desespero, concluímos que era esta nossa melhor idéia.

«Voltamos de novo à rua onde víramos o fotógrafo de manhã e de quem tínhamos pensado comprar a máquina. Cometemos aí o erro obviamente crasso, só próprio de amantes e bem sentimental, de tirarmos uma fotografia.»

A 30 de janeiro, pela primeira vez após seu jejum, e com grande satisfação para os que o rodeavam, Gandhi caminhou sem auxílio de ninguém. Ao pesar-se, viu que aumentara quase 225 gramas — prova de que estava recuperando suas forças.

Após o descanso do meio-dia, teve uma série de entrevistas. A mais difícil foi a última, com um de seus discípulos mais antigos e dedicados, Vallabhbhai Patel.

Os assassinos continuavam esperando. «Nosso plano», recordava Karkare, «era matar Gandhi quando ele estivesse sentado na pequena plataforma onde fazia as preces, voltado para a multidão. Para tanto, tomamos lugar na primeira fila. Isso significaria um tiro preciso, a cerca de dez metros. Medindo a distância, perguntava a mim mesmo, em silêncio: conseguirá Nathuram acertar? Ele não era atirador experiente, nem particularmente bom. Passei os olhos pelo relógio. Gandhi estava atrasado. Comecei a imaginar por quê. Sentia-me um tanto nervoso.»

Gandhi olhou para seu velho relógio e quase saltou da esteira. «Deixe-me ir embora», disse a Patel. «São horas de ir ao encontro de Deus.»

Como já estava um pouco atrasado, resolveu tomar caminho mais curto, diretamente através do gramado, para o local das preces. De súbito, Karkare ouviu atrás de si um ligeiro murmúrio da multidão: «Bapuji, Bapuji» («Pai»).

«Voltei-me. Vimos o povo a abrir passagem e, através daquele pequeno corredor na multidão, chegava Gandhi. Nathuram estava com as mãos nos bolsos. Com a velocidade de um raio, tinha feito o cálculo: era o momento de matá-lo. Sabia que era uma oportunidade ímpar, muito superior à que teria com Gandhi sentado na plataforma a fazer sua oração. Sabia que bastava andar dois passos e contornar o pequeno aglomerado humano. Dois passos. Três segundos.»

Manu, segunda sobrinha de Gandhi, viu-o avançar: «um jovem forte, de cáqui». Tinha a pistola escondida entre as mãos. Fez uma lenta inclinação com a cabeça e disse: «*Namaste, Gandhiji.*»

Manu supôs que ele queria tocar os pés de Gandhi. Com suavidade, estendeu um braço para afastá-lo. «Irmão», murmurou ela, «Bapu já está atrasado dez minutos.»

Nesse instante, Nathuram Godse desferiu um golpe com o braço esquerdo e brutalmente atirou-a para o lado. Na mão direita, surgiu então a pistola Beretta. Três vezes Nathuram puxou o gatilho. Três detonações agudas fenderam a serenidade daquele local de preces, e todos os três tiros se alojaram no peito da débil figura que avançava para ele.

Manu, às apalpadelas para encontrar o livro de notas que Nathuram tinha feito voar de suas mãos, ouviu os tiros. Voltou para trás. De mãos postas, em reverên-

MARGARET BOURKE-WHITE / TIME-LIFE PICTURE AGENCY. © TIME INC.



O corpo de Gandhi foi acompanhado até a pira funerária por Nehru (ao alto, à esquerda) e por Mountbatten (à direita, de costas para a câmara)

cia, seu querido Bapu parecia caminhar ainda, de peito nu, procurando dar um derradeiro passo, para a plataforma das preces, à sua frente. Manu viu as manchas vermelhas alargando-se no branco intenso do *khadi*. Gandhi murmu-

rou: «*He Ram!*» («Meu Deus!»). Logo a seguir, já sem vida, tombou suavemente no chão, com as mãos ainda unidas no gesto final em que seu espírito as tinha disposto, como numa espécie de saudação ao seu assassino.

Tragédia e triunfo

A ÍNDIA reagiu espontânea e intuitivamente à notícia da morte de Gandhi. Anos antes, ele tinha guiado seu povo na marcha para a independência com um *hartal* (encerramento de todas as atividades em escala nacional), e agora esse mesmo povo recolhia-se perante sua morte no silêncio angustiado de outro *hartal*.

Coberto de pétalas de rosa e flores de jasmim, o corpo de Gandhi foi conduzido para uma varanda aberta. Acenderam à sua cabeceira cinco lâmpadas de óleo, representando os quatro elementos (fogo, água, ar, terra) e a luz que os une. Em seguida, seus restos mortais, estendidos numa prancha de madeira, foram expostos aos visitantes, a clamarem por um *darshan* final, um último adeus ao Mahatma perdido.

Algures, no outro lado de Delhi, os olhos de Jawaharlal Nehru encheram-se de lágrimas, diante do microfone da Rádio Indiana. «Extinguiu-se a luz de nossas vidas, e a treva estende-se por toda a Terra», começou ele. «Morreu nosso querido líder, Bapu, como nós o chamávamos, o pai da nação.

«Extinguiu-se a luz», disse eu, «e no entanto não é assim. Na realidade, a luz que brilhava entre nós não era a habitual. Daqui a mil anos», predisse ele, «ainda continuará a brilhar essa luz, ... o mundo a verá e ela consolará inú-

meros corações. Essa luz representava qualquer coisa mais do que o dia de hoje: representava a vida, as verdades eternas, apontando-nos o caminho seguro, afastando-nos do erro, conduzindo este país à liberdade.»

Na manhã seguinte, o corpo foi levado para a pira funerária que o aguardava no Raj Ghat, onde eram cremados os antigos reis, nas margens do rio Jumna, e, perante centenas de milhares de pessoas, a figura morena desapareceu para todo o sempre, envolta numa cortina de fogo alaranjado.

Como prescrito na tradição hindu, 12 dias após a cremação, foram as cinzas do Mahatma lançadas na água que corria para o mar. O local escolhido era um dos mais sagrados da Índia, aquele onde as águas lodosas do Ganges eterno se juntam ao Jumna de águas claras e ao místico Saraswati. Aí, na confluência desses três grandes rios cujos nomes passam através de séculos de história da Índia, Gandhi iria unir-se à alma coletiva do povo, como gota de água no mar sem fim.

O MAHATMA GANDHI alcançou na morte aquilo que se esforçou por conseguir em seus últimos meses de vida. Seu assassinio pôs termo para sempre ao morticínio insensato entre vizinhos, nas aldeias e cidades da Índia.

O assassino, Nathuram Godse, foi preso com a pistola na mão, e ao alvorecer de 15 de novembro

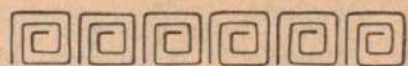
de 1949, após longo julgamento, ele e Narayan Apte tiveram morte na forca.

QUINZE dias depois de haverem sido lançadas à água as cinzas de Gandhi, saíam da Índia os últimos soldados britânicos. Durante o embarque, ouviu-se qualquer coisa de indistinto entre as multidões de indianos que se apinhavam ao longo do cais para vê-los partir. Era o som, primeiro, de algumas vozes dispersas, depois de mais outras, até irromper, por fim, de um milhar de pessoas. Entoadas com tristeza, ressoavam as estrofes do *Auld Lang Syne*. Veteranos do Congresso, mulheres em pranto em seus *saris*, estudantes, velhos mendigos sem dentes, até mesmo os homens da guarda de honra indiana, muito eretos, em sentido, alinhados nas fileiras, todos, de súbito, profundamente conscientes do significado do momento, jun-

taram sua voz ao coro, num cântico de adeus, estranho e pungente, às tropas que iam fazer-se ao mar.

Estavam deixando a Índia os últimos descendentes de uma raça de capitães e reis, e as brisas refrescantes que iam acompanhá-los na viagem para a pátria eram já anunciadoras desses ventos de mudança que iriam dar nova forma ao mapa do mundo e realinhar o equilíbrio de forças no quarto de século que se iria seguir. Em muitos pontos do globo iriam os homens assistir, nos anos seguintes, a cerimônias semelhantes à que se desenrolou em Bombaim a 28 de outubro de 1948.

Poucas delas, porém, seriam marcadas pela mesma cordialidade manifestada naquela manhã. Era a homenagem final ao Mahatma assassinado e aos indianos e ingleses que haviam sabido apreender a lógica inexorável de sua mensagem.



O REPÓRTER político de um jornal da Alemanha Oriental foi chamado a comparecer perante a comissão de censura à imprensa. «O senhor escreveu uma série de mentiras», disse-lhe o chefe da comissão.

«Peço muitas desculpas», anunciou o repórter. «Estou disposto a aceitar qualquer punição.»

«Punição?» retrocou o chefe. «O senhor vai mas é ser promovido a redator-chefe.»

— *Hong Kong Times*

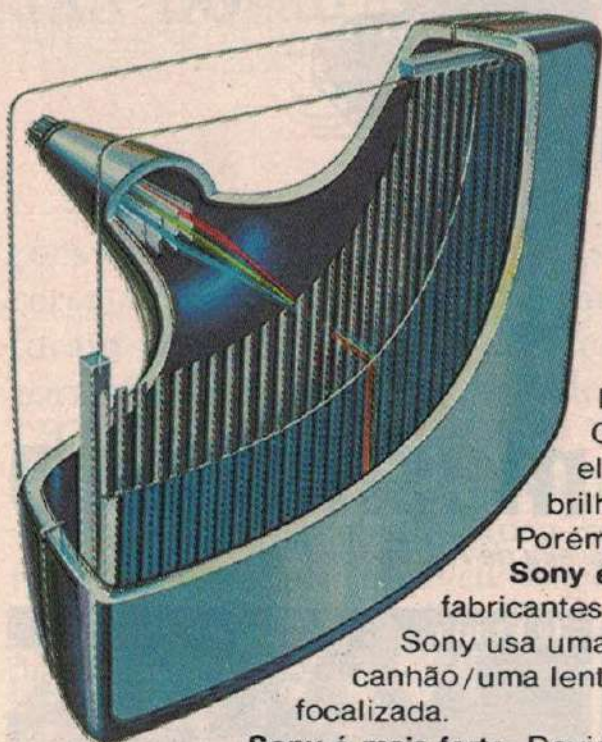
Pequeno dicionário comercial

Considerar — Esperar alguns dias antes de decidir não mudar de idéia.

Consultar — Modo respeitoso de pedir a alguém que compartilhe de sua opinião.

— A. D.

Sony é mais brilhante



Uma das razões está na Grade de Abertura original. Ao contrário de outros fabricantes de TV que fazem sua cor em ranhuras perforadas. Sony faz suas cores em listras.

E quais as vantagens?

Basicamente, isto significa mais brilho e clareza. Com o sistema de Grade de Abertura, 30% a mais de elétrons atingem a tela. Para maior brilho, maior vibração e mais cor natural. Porém isto não é tudo.

Sony é mais nítida. Diferente de outros fabricantes que usam três pequenas lentes.

Sony usa uma única e grande, no sistema de um canhão/uma lente. Para maior nitidez, clareza e cor focalizada.

Sony é mais forte. Devido a sua estrutura simples de sistema Trinitron e circuitos IC, Sony assegura uma confiança absoluta.

Sony é mais clara. O sistema Trinitron altamente eficiente de Sony torna possível um tubo de imagem grande-angular. Para uma maior clareza e obtenção de um móvel mais compacto.

Veja a diferença que Sony Trinitron faz. É mais do que uma simples diferença de brilho.

Trinitron

Não apenas um nome diferente.
Mas, um sistema diferente.



KV-5100

KV-1941R

SONY®